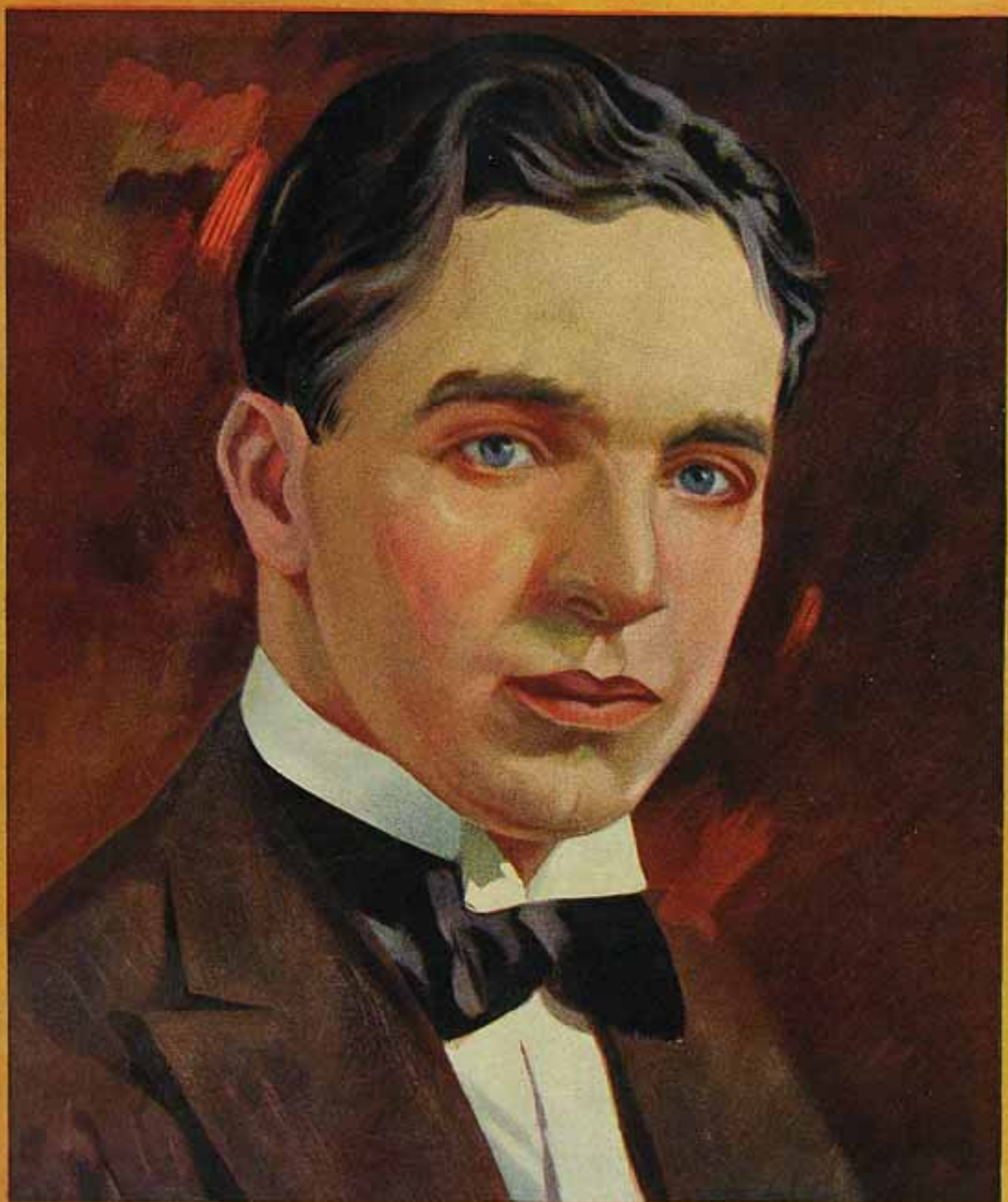




Para todos...

CHARLES
CHAPLIN

ANNO-IV

Nº 192

Já comprou um bilhete da Grande Loteria da Cruz Vermelha Brasileira?

E' A MAIOR
LOTERIA
DA
AMERICA

A MELHOR
E A
MAIS BARATA
DO MUNDO!



1 Premio de	5.000:000\$000
1 " "	1.000:000\$000
1 " "	500:000\$000
1 " "	200:000\$000
2 Premios "	100:000\$000

e mais 3.169 de 50, 20, 10, 5 contos, etc.

30.000 BILHETES

9.550:000\$000 em premios!!

Bilhete inteiro 500\$000 - Meios 250\$000 - Quintos
100\$000 - Decimos 50\$000 - Vigésimos 25\$000
Centésimos 5\$000.

PARC ROYAL

Esta casa convida todos os seus clientes dos Estados a visitarem a Capital Federal, por ocasião das próximas festas do Centenario.

Concorrendo d'esta forma para o maior brilho d'essa grande festa cívica, que vai ser a celebração da Independencia, todos auferirão com tal visita uma vasta série de conhecimentos de cousas absolutamente novas, cada qual mais suggestiva e empolgante, dignas de serem vistas e rememoradas às gerações que nos succederem.

A affluencia de forasteiros será, por assim dizer, o "clou" da grande Exposição Universal.

Além d'essa maravilha haverá festas diversas, paradas, cerimoniaes cívicas e muitas outras cousas de flagrante interesse para todos quantos desejem presenciar, com alma e coração, essa apothecose á PATRIA BRASILEIRA, após um seculo de sua independencia politica.

O PARC ROYAL sente-se feliz em conceitar os seus amigos e clientes dos Estados para que não falem a esta festa magua de patriotismo brasileiro, ao mesmo tempo que lhes offerece os seus serviços com o mais interessado empenho em que os mesmos sejam aproveitados.

Terá o PARC ROYAL a maior satisfação em attender directamente a todos os seus freguezes do Interior, com os quaes tem tratado apenas por correspondencia e que agora, certamente, virão dar-nos o grato prazer de suas ordens relativas a compras de infinitos artigos de novidades que temos em profusão e cuja aquisição, nesta visita festiva á Capital, é de todo o ponto aconselhavel.

De bom grado acolheremos todos os nossos amigos e proporcionaremos a todos as indicações e informes que nos sollicitarem, embora alheios ao nosso fim commercial.


Parc Royal
A MAIOR E A MELHOR CASA DO BRASIL

LARGO DE S. FRANCISCO — RIO DE JANEIRO

A maior descoberta para a SYPHILIS

O "ELIXIR 914"



Combate a syphilis eficazmente, sem o perigo das injeções. É depurativo energico e tonico de alto valor. No terceiro vidro as manifestações, mesmo as mais graves, taes como: manchas, fistulas, placas, eczemas e reumatismo, desaparecem como por um milagre. 95 por cento dos homens casados que, em solteiros, tiveram doenças secretas, ficaram com ellas chronicas; eis a razão por que milhares de senhoras soffrem sem saber a que attribuir a causa. 3 vidros são sufficientes para restituir a saude e salvar vossos filhos. Para as creanças syphiliticas é o unico especifico proprio que existe, porque não ataca o estomago e é tonico agradável de tomar.

A' venda em todas as pharmacias e drogarias do Brasil

Depositarior Geraes : GALVÃO & C.
AVENIDA S. JOÃO 145
S. PAULO.



BIOTONICO

FONTOURA

O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE



A' venda em todas as pharmacias e drogarias. Depositario s: Plinio Cavalcanti & C.—Rua Senador Dantas 45—
Rio de Janeiro.



Questionario



Toda a correspondência para esta seção deve ser dirigida a OPERADOR — 164, Outidor — Rio de Janeiro.

Devido à formidável affluência de cartas para esta seção, muitas aguardam a resposta por semanas e meses até; pedimos por isso excusas aos nossos leitores, e ao mesmo tempo lhes solicitamos a atenção para a lista de endereços de artistas que mentalmente publicamos; isso evitar-lhes-á muita vez o trabalho de escrever pedindo informações que nella se encontram e a nós um trabalho excessivo de compilar catalogos para os satisfazerem. Mais: abreviará o prazo das respostas. No caso de pedido de informes sobre filmes, devem vir sempre que possível os títulos em inglês. Essa nossa exigência é motivada pelo facto de muitas vezes os filmes aqui exibidos com um título passarem com outro nos Estados.

LOUCO POR SWANSON (Florianópolis) — 1°. O agente, creio, tem obrigação de vender quantos pellos deseja uma pessoa adquirir. E os "coupons" servem justamente para a permissão por outros. 2°. Actualmente 1600, Broadway, N. Y. C. 3°. 485, Fifth Ave., N. Y. C. 4°. 10th Ave., 55th 1056 Str. N. Y. C. 5°. Idem. E' que ás vezes passam-se de umas para outras empresas e nesse caso o endereço varia. Em todo o caso mensalmente publicamos notas dessas alterações, no fim desta seção.

IGNOTUS (?) — O que sabíamos a respeito já publicamos. Escreva para elles, indagando do mais que deseja.

EDELTRUDES (Rio) — Em breve sahirá, no proximo numero. Nada se sabe a respeito ainda. Natural de Philadelphia onde viu a luz em 1883; artista de theatro; no cinema com Pathé, Brennon, Rapf, United, Equity, etc. E' a artista dos mais lindos braços do cinema.

AMOR DE PERDIÇÃO (Rio) — Escreva para a Invicta film, Porto, Portugal e terá todas as informações que deseja. Pode enviar, que não paga nada. Muito obrigados.

MARY AZEVEDO (Maceió) — 1°. E'; 2°. Não; 3°. E' com Dagmar Godwsky; 4°. National.

J. H. OLIVEIRA (Patrocínio) — Nem respondemos por outra forma. Suas perguntas pode o amigo mesmo responder *Tot capita, tot sententia*.

LUIZ BOLLOCK (S. Gabriel) — 1°. 1600 Broadway, N. Y. C. 2°. Hotel Netherlands, N. Y. C. 3°. Universal City, Calif. 4°. 2021 Beachwood Drive, Los Angeles, Calif. 5°. Ignoramos onde esteja actualmente.

JEAN CAVALLE (Rio) — Está muito bem.

LIVIO BONFANTI (?) — V. é bobo, com certeza. E' obra consagrada pela critica universal, não só pela nossa. Quanto áquella a que se refere porque foi que se humiu? Pelas suas boas qualidades? Ora, tire o cavallo da chuva. Arte é arte, não tem nacionalidade.

FEDOCA (Canto do Rio) — 1°. São comprados. 2°. Está depositado na Agen-

NÃO DEIXE PARA AMANHÃ...

O prestigio conquistado, a golpes de real esforço patriótico, pela *Illustração Brasileira*, órgão official da Comissão Executiva da Commemoração do Centenario da Independencia, assegura o mais completo exito das suas edições



especiales, grandemente augmentadas, de Setembro, Outubro, Novembro e Dezembro.

Tanto é isto verdade que já são sem numero as encomendas feitas, no natural receio de que ellas se esgotem rapidamente.

cia somente. 3°. 2719 Sunset Blvd., Los Angeles, Calif. 4°. Compre-os.

MOTINHA (S. Maria) — Hella Moja, Magda Songa.

JAMES QESAR (Curitiba) 485, Fifth Ave., N. Y. C. Procure na collecção que achará varias. 25 cents em sellos (coupons-reponse). Ignoramos e nem com essa gente temos contacto.

JOAO DA CRUZ PEREIRA (Camaril) — Não temos negocio de photographias.

ZEQUINHA (S. Luiz) — 1°. Walter Long. 2°. Nebraska, em 893, solteiro, Artista theatral desde os 12 annos. Com Pathé N. Y. 3°. Fritz Lieber. 4°. Marc McDermott. 5°. Katherine ou Kathryn ou Kathleen, ou Catherine, como queira.

BISAVO (Nichteroy) — E ainda se interessa assim, nesse estado? E' divorciado e não consta queira se casar de novo.

SAMUEL (Pelotas) — Robert Mc Kin, 1887, californiano, de San Jacinto. O outro é Warner Oland, 1880, sueco. Não ha de que.

MUSTAPHA (Belém) — Dell Boone, nascido em Springfield em 1894. World, Pathé, Paramount, Fox, etc. 6650, Liland Way, Hollywood, Calif.

NÃO TROQUE O SEU IDIOMA!
Conversando com Max Linder por Daphne Carson Webb.

O simples facto de entrevistar um comediante francez veio provar-me, entre outras

coisas, que é bem differente o "francez" que nos ensinavam no collegio, do que se precisa aprender. Já o leitor está vendo por este preambulo em que apertos eu me vi para poder ter esta entrevista com o popular Max Linder, que só "conhece de vista" o meu idioma. O logar escolhido foi um pequeno restaurante nos arredores da Universal e os participantes do duello linguistico eram Max Linder, um agente de publicidade e eu.

O homem da publicidade estava comnosco para o caso de ser preciso o seu auxilio como meu interprete com o mimo, ainda que, valha a verdade, elle julgasse ser a traducção de "pomme de terre" isto nem mais nem menos: "o que quer o senhor ter?"

Max é homem de pequena estatura, olhos castanhos, brilhantes, de uma vivacidade que surprehende. O rosto é maravilhosamente expressivo e as mãos falam todos os idiomas do mundo, visto que, com seus movimentos, exprimem tudo o que os labios dizem. Está sempre attento e prompto; de palavra e de acção. Mimo de nascimento, tem um modo especial e amigavel de nos travar do braço em momentos de emphase do mais puro estylo continental. Seu aspecto é de elegancia sem ostentação, pés pequenos e saltos de militar, o que lhe dá mais uma ou duas pollegadas de altura. E' o idolo do povo francez como Carlito é o nosso; admira-se de como os americanos o não conhecem melhor.

Agora, é tempo de começar a entrevista, que é como quem diz a minha "via crucis".

— Oh! monsieur! Je suis tão contenta de encontrar a vous!

— Comment, mademoiselle? perguntou-lhe sorrindo.

Desesperada, pedi uma ajudazinha ao interprete:

— Como é que se diz em francez estou muito contente de o encontrar?

— Essa é boa! Lá porque a senhorita não sabe, eu é que hei de saber?

— Eu julguei que o senhor soubesse!...

retorqui contrariada, e dirigindo-me a Max:

— Diga-me, monsieur, quantos annos avés vous estado neste país?

— Oh! mademoiselle! Je suis ici depuis

— e disparou por ali fóra numa algaravia-da medonha, sem me dar tempo mais do que a pescar uma ou outra palavra desgarrada.

Dizia-lhe que sim com a cabeça como fazem esses urso mecanicos das creanças, para lhe dar a impressão de que o entendia. No fim, elle disse qualquer coisa que eu julguei ser a perguntar-me se o comprehendia e eu, já se vê, fui assentindo com a cabeça.

Falou, então, com o "garçon", em francez, e vi apparecer, logo, um prato de ostras. Max perguntára-me, simplesmente, se eu queria ostras e como eu, sem o comprehendendo, dissera que sim, mandára servir-me-as. Tive de as comer, é claro, mesmo sem vontade. Depois, elle foi falando mais pausado e creio que me disse haver estado na guerra, e, também, curado de feridas que recebeu, na Italia, em propaganda. Obtida a alta, veio á America para fazer um film.

Volto á França, e outra vez aqui, onde contratou com Robertson Cole a distribuição de suas produções. Já entregou a pri-



@ filmes da semana



Foi o film de William Farnum, para a Fox, o que mais curiosidade despertou na programação da Avenida. O admirável tragico, já consagrado pela nossa plateia como um dos maiores artistas do "écran", ainda uma vez levou ao Pathé, em sessões consecutivas, um mundo de espectadores.

Outra cousa, entretanto, não se esperaria na interpretação de obra tão popular, pelo famoso creador de uma série interminável de personagens historicos. William Farnum, quando abandona os romances modernos do "far-west" e se nos apresenta na reconstituição de typos e caracteres, é sempre applaudido, destacando-se notavelmente sua arte do commum, do conhecido.

Tem sido assim depois de muito tempo e ainda ultimamente fazem-se lembrados "D. Cesar de Bazan" e "Se eu fóra Rei."

O novo film de Norma Talmadge, que passou no Odéon com algum successo, "Aviso revelador", é mais uma produção feliz da querida artista. Não marca, porém, para a interprete de tantos romances dolorosos, nenhum ponto de maior relevancia em sua arte. E' um bom film, luxuosamente posto, mas em que Norma é sempre a mesma.

Pareceu-nos mais interessante "Experiencia", da Paramount, no Avenida. E' uma historia simples de amor, sem as grandes complicações tão naturaes nos enredos cinematographicos. O notavel "metteur-en-scène" George Fitzmaurice com rara habilidade, em curiosissimos scenarios, faz des-enrolar-se o romance encantadoramente, surpreendendo o espectador com algumas scenas curiosas. Assim, por exemplo, as

que nos mostram em parte, a vida nocturna da grande cidade.

Esse film manteve-se tambem, com geral agrado, toda a semana, no cartaz.

Ainda tivemos outro film bom "Quem comprehende a mulher?" da Realart, no Parisiense. Embora nenhuma surpresa des-perie a attenção do espectador e mesmo o romance, já tantas vezes explorado, em certas situações se torne estafante, ainda assim ha a variedade dos scenarios, certas transições agradaveis, algum luxo e boa marcação.

E mais nem uma novidade appareceu digna de ser notada.

OPERADOR N. 3

COTAÇÃO DOS FILMS — SEMANA DE 7 A 13 DE AGOSTO DE 1922

MARCA	CINEMA	TITULO DO FILM	PRINCIPAES INTERPRETES	DATA	CLAS.
First Nac.	Odéon	Aviso revelador (The Sign on the Door)	Norma Talmadge	1921	6
Paramount	Avenida	Experiencia (Experience)	Jorge Barthelmess, Marjorie Daw, Edna Wheaton, Lyylylyian Tashman e Nita Naldi	1921	8
Hodkinson	Rialto	Cavalleiro mysterioso (The Mysterious Rider)	Robert Mac Kim, Claire Adams e Carl Gantwoort	1921	5
Paramount	Central	O grande obstaculo (Miss Lulu Bett)	Lois Wilson, Milton Sills, Theodore Roberts, Helen Ferguson e Clarence Burton	1921	6
Realart	Parisiense	Quem comprehende a mulher? (Morals)	May Mac Avoy, William Laurence e Kathlyn Williams	1922	6
Pathé N. Y.	Pathé	O pagamento do diabo (Devil to Pay)	Roy Stewart e Fritzie Brunette	1920	5
Fox	Pathé	Romance de theatro (Kean)	William Farnum	1922	6
Decla	Palais	Um filho do povo	Olaf Foss e Ebba Thompson	?	5
Decla	Palais	Genuina	Fern Andra	1921	6
Sascha	Central	A cruz rosada ou O Imperador José II e a Maçonaria	Roberto Valberg	?	4

(*) Não consta do programma.

meira sob o titulo "Sete annos de "Uru-cubaca".

O tal interprete deixava vagar nos labios um sorrisozinho por demais antipathico.

Conforme pude, consegui acertar com a pergunta de ha quanto tempo trabalhava nos films.

— Oh! mademoiselle! Eu sou como os senhores dizem por aqui pioneiro nos films. Principiei depuis dix-sept ans a Paris antes e cinematograph estava en l'Amérique.

Pouco tardei em comprehender que elle trabalhava ha dezeseite annos em Paris, muito antes que na America se occupassem do cinema.

— Oh! mon Dieu! exclamei... Que enterressant!

— Fiz a primeira, comprenez vous, a premier comedie que se fez, e faziamos então por dia uma comedia. Trabalhavam das nove ás quatro.

Discorreu um pouco sobre a differença dos films americanos dos europeus, disse-

me mais uma ou duas vezes o tal comprenez vous delle e...o meu supplicio linguistico chegou a termo.

Desta vez aprendo o francez ou perco o nonse!

BARBARA LA MARR figura em Quincy Adams Sawyer, film dirigido por Clarence Badger para a Metro.

LAURETTE TAYLOR que vae agora estrear no cinema, possando Peg of my Heart, é uma das actrizes mais apreciadas da scena falada nos Estados Unidos.

BULL MONTANA está fazendo uma serie de oito comedias para a Metro.

As novellas de BRET HARTE continuam a formar assumpto para o cinema. M'liss que já foi filmado por MARY PICK-FORD, vae sel-o de novo por GLADYS WALTON, para a Universal,

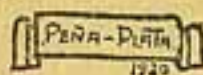
JOSEPH FRANCIS KEATON nasceu em Junho passado; é filho de Buster Keaton e Nathalie Talmadge.

BULL MONTANA partiu para a Italia em visita aos paes.



Ha tanta grandeza na alma do povo brasileiro, que nenhuma homenagem melhor poderia prestar-lhe a empresa da ILLUSTRACAO BRASILEIRA, do que procurando synthetisar todas as suas nobre e elevadas acções, nestes primeiros annos de sua vida politica independente, nas 264 paginas de cada um dos numeros commemorativos, a sahirem em 7 de Setembro, 12 de Outubro, 15 de Novembro e 25 de Dezembro (Natal), afóra excellentes gravuras de panoramas e paisagens nacionaes e 20 trichromias de quadros dos nossos mestres de pintura.

Para todos...



Nunca deverão esquecer as senhoras que o argumento mais real da beleza feminina reside na cutis. Logo, sem o uso constante do

PO' DE ARROZ MENDEL

não se obtém esse esplendido resultado. E' innegavel que este excellento artigo do toucador é para as senhoras o mais valioso elemento do embelezamento do rosto.

IMPORTANTE:—O Pó de Arroz Mendel possui uma notavel qualidade adherente, que resiste á acção do ar.

O seu uso não requer o emprego de crêmes ou pomadas.

Usa-se nas côres branca, rosa, para as claras de pouca côr; "Chair" (carne), para as louras e "Rachel" (crème), para as morenas.

Vende-se em toda as perfumarias. Agência do Pó de Arroz Mendel: Rua Sete de Setembro n. 107, 1º andar. Tel. C. 2741.—Rio de Janeiro. Depósito em São Paulo: Rua Barão de Itapetininga n. 50—MENDEL & C.

Graphologia

P. B. (Rio) — A sua graphia nada tem de incerta ou indecisa: antes pelo contrario... E justamente indica a certeza e a decisão com que age na vida, graças a um espirito recto e um tanto frio e a uma vontade extensa e poderosa, cheia de ambição e muito activa. Predomina o traço materialista, mas ha tambem algum idealismo puro, de quando em quando; e é desses momentos sonhadores que a sua vontade esmorece um pouco para dar lugar ao dominio do espirito e do coração. Este é sumamente bondoso e, por isso, capaz de prejudicar muitas conquistas da vontade ambiciosa. Como, porém, dispõe de muita perspicacia sabe attenuar taes prejuizos ou... tirar proveito delles.

A. A. de C. (Rio) — Temos na sua graphia o reflexo de uma natureza serena mas forte de espirito e de vontade. E' expansivo só com os intimos. O seu coração é muito bondoso. Suas idéas são praticas e tem alguma teimosia nos desejos. Quando, porém, os não vê satisfeitos não se abate: reage bem contra o soffrimento. Suas tendencias principaes são para negocios e para affeições constantes.

VANITAS (Rio) — Deve ser um grande idealista, sempre propenso a sonhos e fantasias. Tem orgulho do que é e do que espera ser, porque não lhe faltam surtos ambiciosos. Intellectualmente é um forte, e isso lhe dá uma grande segurança nos actos e palavras. Seus instinctos sensuaes são possantes e têm grande influencia na sua vida. Seu espirito é muito penetrante e procura adivinhar o intimo de todas as pessoas que de si se approximam. Sujeito a coheras intimas, sabe contudo apparentar o traço mais amavel que se pôde desejar. O coração é um tanto mysterioso.

M. JASSELLI (Palmares) — A sua letra demonstra um caracter franco e um temperamento ruidoso. E', porém, muito amigo de seus interesses e capaz de brigar por causa delles. O espirito é vibrante, pouco ponderado e um tanto grosseiro, não por falta de educação, mas apenas por feição natural. Vontade forte, sem grande teimosia e coração bondoso.

PAULO CESAR (S. Paulo) — Natureza cheia de expansão ruidosa, mas com bastante senso e perspicacia para "defender o seu". Traço positivo dominante. Muito amor proprio sob apparencia de modestia. Falta de sinceridade. Vontade pertinaz, envolvente comquanto sem exaggerada ambição. Bondade cordial para com os intimos.

MALICORNIA (S. Paulo) — Vê-se na sua carta um temperamento calmo, muito senhor de si, e dispondo de uma vontade firme e habil. Não se perde em grandes idealismos. Só alimenta o que se podem transformar depressa em realidades. Tem essa e outras perspicacias.

A sua vibratidade é muito discreta, propria de pessoas timidas, que não querem offender susceptibilidades. Ha pouca bondade cordial. Em compensação, muita lha-neza de tacto.

WESLEY BOY (Santos) — Natureza muito espiritualista, com muita grandeza d'alma para supportar os soffrimentos e contra elles reagir. Caracter geralmente bom, embora com algumas falhas por alguma incerteza na vontade. Todavia, pos-

sue algumas qualidades dominantes e entre ellas a da finura. E' um tanto apaixonado em suas opiniões ou no sentir sobre qualquer facto. Disso lhe advêm alguns desgostos. Ha predominio idealista e muita bondade caritativa.

MISS CYCLONE (Rio) — Suas tendencias são optimistas e coincidem com a sua ambição pelo dinheiro. O seu espirito é de contradição, pouco propenso a se deixar dominar. Entretanto, não é das mais constantes a sua vontade, a não ser para satisfazer a sua tendencia ambiciosa. Apparente modestia e franqueza, mas sabe Deus o que isso lhe custa...

MINHOCA (Rio) — O que logo se verifica é que se trata de um espirito caprichoso, muito propenso á contradição.

CASA GUIOMAR CALÇADO DADO

Avenida Passos, 120
(Proximo á rua Larga)

Tendo adquirido uma importante fabrica, pôde assim vender todos os seus productos de calçados, desde as alpercatas ao Luiz XV, mais barato que em qualquer casa 50 %.



MODELO NILDA

de 17 a 26	4\$000
" 27 " 32	5\$000
" 33 " 40	6\$500



MODELO NORAH

de 17 a 26	4\$500
" 27 " 32	5\$500
" 33 " 40	7\$500

Pelo Correio mais 1\$500 por par.

Remettem-se catalogos illustrados, gratis, para o interior, a quem os solicitar.

Pedidos a JULIO DE SOUZA

BAICURU



ELIXIR PURAMENTE VEGETAL

ANEMIA CHLOROSE FRAQUEZA PULMONAR E NAS

MOLESTIAS DAS SENHORAS

EM TODAS AS PHARMACIAS e NO

LABORATORIO GOUART

CAIXA POSTAL 99

RIO GRANDE

mormente para se fazer passar por distincto... E', pois, uma presumpçosa, embora não precise passar por isso e até pretende ser tida por muito humilde e modesta. Tem pouca idealidade na sua alma: prefere os casos concretos e positivos para alivo de seus sentimentos e de suas cogitações. Gosta de que a elogiem e para isso procura ser amavel e servical, tendo tambem o cuidado de fazer tudo a capricho. Sua vontade é pouco energica para realisações de iniciativa propria. E o coração é duro, isto é, pouco caritativo.

DAMPSON (Cordeiro) — Natureza definida para os lados praticos da vida. Age com decisão e sempre do melhor modo possivel. Abomina os caminhos tortuosos e as meias palavras, em se tratando de casos de honra. Tem uma grande ingenuidade que, aliás, é a sua força, pois concentra as suas faculdades e virtuaes naquillo que intimamente resolve abordar. Homem de fé, pouco se importa com os juizos que a seu respeito façam, e vae proseguindo sempre no caminho previamente traçado. E' bonissimo o seu coração quando não desconfia...

NOSCE TE IPSUM (Fortaleza) — Grande permanencia de instinctos sensuaes, é o que logo se percebe do aspecto da sua graphia. Mas logo se vê tambem que não é o traço característico da sua individualidade, e sim a força intellectual e espiritualista. De facto, denuncia-se um cerebro possante, obediente, com um espirito cheio de vibrações idealistas. Participa dos homens a visão pratica e dos que se comprazem em sonhar glorias. E' muito dissimulada, não por timidez nem por vicio, mas apenas por finura, por manha: para tirar todo o partido de sua natural perspicacia. E' forte a sua vontade; não tanto, porém, que não se quebrante de quando em quando, talvez em beneficio das exigencias do coração. Este é bondoso e muito sensivel ás influencias do bello sexo...

Alguma cousa para ser BONITA

Se chega o momento em que V. Ex. nota as prematuras rugas ao redor dos olhos, as manchas no rosto, pelle flacida e sem brilho de juventude—cravos, vermelhidões, espinhas cutis aspera e resequida, precisa fazer **ALGUMA COUSA** para impedir o progresso dessas imperfeições e dar nova vida e beleza á cutis.

Essa **ALGUMA COUSA** é o **CREME POLLAH!**

Ao **CREME POLLAH** está destinada a missão de distribuir a felicidade e alegria ás senhoras e moças, devolvendo ao rosto a sua perfeição, o aspecto de juventude, fazendo **absolutamente** desaparecer as **Rugas, Espinhas, Cravos, Manchas**; dando **diariamente** á pelle a **SUAVIDADE** e o **COLORIDO** da primeira juventude.

POLLAH, o maravilhoso Creme da American Beauty Academy, representa a ultima palavra da sciencia dermatologica e nada o iguala para **EM-BELLEZAR, CONSERVAR e CURAR** as imperfeições da cutis. Como Creme de toilette deve ser usado **POLLAH** diariamente para dar a côr **clara, suave, parelha**, e adherir o pó de arroz, protegendo ao mesmo tempo contra o **vento, sol, poeira e calor**.

Haverá por acaso algo que proporcione a uma Senhora maior prazer que a certeza de sentir-se admirada? **POLLAH** proporcionará essa certeza!

Essa é a **admiravel missão** do **POLLAH**.

Para evitar os estragos da cutis pelo sabonete

Para facilitar os effeitos rapidos do **CREME POLLAH**, chamo a attenção para a acção nociva da maioria dos sabonetes, que é bastante prejudicial.

O que succede aos tecidos de lã, que ao contacto da agua com sabão enrugam e arrepiam, succede á cutis, que perde a maciez com o uso constante do sabonete.

O sabonete, antigamente, era pouco usado e ainda hoje as orientaes possuem as cutis mais bellas do mundo porque não a estragam com alcalis e gorduras, materias primas de qualquer sabão.

A **FARINHA "POLLAH"** é inigualavel. Limpa perfeitamente a cutis e evita os estragos produzidos pelos sabonetes.

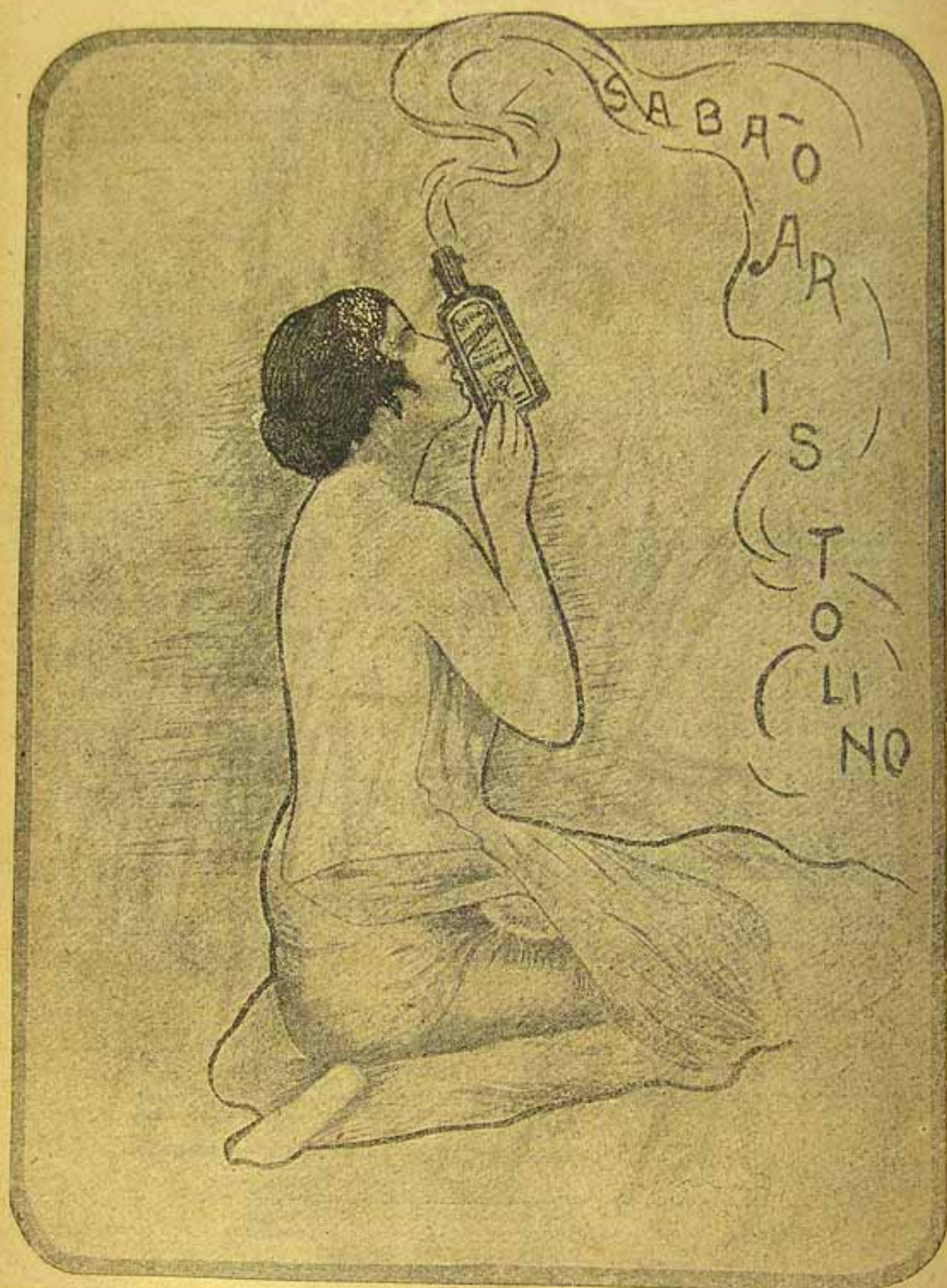
O uso que na Inglaterra, França e Estados Unidos se faz da **FARINHA DE AMENDOAS "POLLAH"** prova a excellencia da mesma.

A **FARINHA**, como o **CREME "POLLAH"**, encontra-se na Casa **Crashley & C.** — Ouvidor, 58 e nas principaes perfumarias.

Para efficacia no emprego do Creme **POLLAH**, enviamos gratuitamente a quem nos enviar o "coupon", o livrinho **A ARTE DA BELLEZA**; nelle se encontram todos os conselhos para hygiene e embellezamento da cutis e cabellos.

Côrte este "coupon" e remetta aos Srs. Repres. da American Beauty Academy — Rua 1ª de Março, 151, 508. — Rio de Janeiro. — Para todos...

NOME CIDADE
RUA ESTADO



ARISTOLINO é o sabão preferido e querido. É o melhor para o banho. Verdadeiro específico para as esanduras. Não vos descuideis da vossa pelle com do vosso cabelo. Para manchas sardas, e avos, espinhas, rugosidades, caspa, bo-
anti-parasitário. A' venda em qualquer parte. Poderoso ant-septico cicatrizante, anti-eczematoso e
crupulosos, que no proposito de ganharem do favor concedido aos nossos produ toa, aconselham á venda outros inferio-
res — reputando-os mais baratos. — A' venda em todas as farmacias.
Depositarío: ARAUJO FREITAS & C. — Rio de Janeiro.

Para todos...

ANNO IV



NUM. 192

RIO DE JANEIRO, 19 DE AGOSTO DE 1922



SANTOS DUMONT DE RETORNO AO BRASIL

O GRANDE BRASILEIRO CHEGOU, NO DIA 14, PELO "LUTETIA". A TERRA CARIOCA RECEBEU-O COM UM CARINHO E UM ENTHUSIASMO EXCEPCIONAIS. O "RAID" LISBOA-RIO RECORDOU AOS BRASILEIROS E PRINCIPALMENTE AOS HABITANTES DAS MARGENS DA GUANABARA, QUE TÊM A MEMORIA FRAGIL, A GLORIA DESSE HOMEM SIMPLES, PAE DA AVIACAO. NA HORA DO DESEMBARQUE, SEGUNDA FEIRA, DADA A PERMISSAO PARA A ENTRADA A BORDO, TIVERAM INGRESSO O ALMIRANTE GAGO COUTINHO, CAPITAO-TENENTE DELAMARE, REPRESENTANDO O SR. MINISTRO DA MARINHA; CAPITAO-TENENTE CESAR TINOCO, REPRESENTANDO O CHEFE DO ESTADO-MAIOR DA ARMADA; COM-MANDANTE PAULO SOARES, DA ESCOLA DE AVIACAO; GUARDA-MOR NUNES PIRES E OUTRAS PESSOAS DE DISTINCAO SOCIAL, CONDUZIDOS AO SALAO DE HONRA DO PAQUETE, O NOTAVEL VIAJANTE OFFERECEU AOS PRESENTES UMA TACA DE "CHAMPAGNE". O SR. CAPITAO-TENENTE DELAMARE SAUDOU SANTOS DUMONT, ETGUENDO UM VIVA ELO-QUENTE AO SEU GENIO. O CREADOR DA AVIACAO AGRADECEU EMOCIONADO. AINDA A BORDO RECEBEU SANTOS DUMONT OS CUMPRIMENTOS DE MUITAS OUTRAS PESSOAS QUE FORAM CHEGANDO AO SEU ENCONTRO, NOTANDO-SE, ENTRE ELLAS, MEM-BROS DA COMISSAO DIRECTORA ACADEMICA, ALUMNOS E PROFESSORES DA ESCOLA POLYTE-CHNICA, DR. MIRANDA ROSA, REPRESENTANTE DO SR. PREFEITO CARLOS SAMPAIO; PROFESSOR TOLEDO DODSWORTH, CONSELHEIRO CAMELO LAMPREIA, GENERAL GAMELIN, CHEFE DA MISSAO MILI-TAR FRANCEZA, ETC. FINDOS OS CUMPRIMENTOS DO ESTYLO, DESCEU PARA TERRA O MESTRE BRASI-LEIRO, SENDO ALI RECEBIDO COM GRANDE OVAÇÃO PELO POVO.

Tout passe, tout casse, tout lasse...

Esta phrase implacável, composta pela philosophia de um cerebro voltairiano, resume a vida... toda a vida... a vida das coisas e das pessoas. Para uma alma que tem pela tradição um culto, para um espirito que vive recordando religiosamente o que passou... essa phrase cruel, terrível, quasi ingleza, representa a cocaína mortífera, a gargalhada de um personagem dantesco, o eclipse total do sonho.

Tout passe, tout casse, tout lasse... E vertiginosamente, como se também fora movido à electricidade, em uma volubildade acelerada e assustadoramente prosaica... desaparecem as paisagens que nos lembravam momentos de prazer... uma scena... um clhar... um desejo insatisfeito... um amor... um sofrimento...

O morro do Castello... a mão possante do homem o derrubou... Desappareceu a igreja... aquela igreja que eu amava tanto... que me recordava, tristemente, um carnaval...

Que mysteriosa é a alma de uma mulher! Com que volúpia ella recorda a dor de um prazer! Com que ancia ella guarda na memoria os detalhes de uma grande magoa! Carnaval... 1919... lembro-me tão bem... lá em cima... no ultimo andar do Palace Hotel... naquelle terraço feéricamente illuminado... uma noite maravilhosa... estrellas scintillando no céu... a orchestra... as serpentinas... as fantasias... as mulheres decotadas... os homens de branco... o champagne... o ether... Coty... Vlan... Millions d'Arlequin... Papagaio louro... risadas... canções... ruidos d'sonantes... todo o soffrimento esmagado pela suprema dor — o prazer... Em cada mascara, o riso... em cada riso... em cada riso...

Ella... aquella mulher tragica... soffria... soffria demais... eu a vi... lembro-me tão bem... seus olhos riam... sua bocca ria... todo seu corpo ria, em um rodopiar incansavel... Braços nus, collo nu, bella, ardente, no auge da mocidade, entregava-se aos braços solícitos dos homens que a abraçavam em delírio, e dansava, e dansava... Pobre mulher! Eu vi a sua lagrima — uma gota de sangue... Ella queria gosar... ella queria esquecer...



SENHORA VICENTINA SOARES (VINA CENTI) QUE VAE NOS DAR, BREVE, UM LIVRO DELICIOSO DE CHRONICAS MUNDANAS: "COLMEIA".

— Amo-te...
— Infame!
— Juro!
— Mentos!
— Adoro-te!
— Prova.
— Dize... que queres?

— Um prazer... um grande prazer... dá-me um prazer... e eu te darei a minha dor...

— Um prazer?... Dar-te-ei muitos, deusa dos meus sentidos!

— Um só... dá-me... um só... por piedade... quero esquecer...

Madrugada... cinco horas... a orchestra macula o ar abençoado com o gemido peccaminoso de um tango lascivo... O sol... o mar... as ilhas... as montanhas... embarcações... todo o acordar feliz da natureza quando abre em flor e perfuma a vida, fortalecendo os nervos, curando os corações... Bém... belém... bém... beém... bém... belém... a igreja do morro do Castello... tão austera, tão humilde, tão simples e tão impressionante! Bém... belém... o sino acorda-me a alma... olhei-o con-

stricta... senti pulsar o coração... olhei a cruz que me pareceu tão divina! Cri em Deus com todo o

fervor de minha alma! Cri na sua misericórdia, no seu amor e na sua omnipotencia! Cri no Creador do mundo, que, sem me desamparar, me procurou naquele ambiente de peccado e de insulto às suas leis, para mostrar toda a grandeza do seu perdão e toda a magnanimidade do seu coração! O céu de azul tranquillo, queimado pelo ouro avermelhado e ardente do sol que nascia vigorosamente, emoldurando a vida, realçando a belleza dos seus coloridos, formava um contraste impressionante com aquelle resto de carnaval. Percorri com o olhar o que me cercava... Dia claro... gente cansada, somnolenta, embrutecida... um par amoroso sentado no muro, dando as costas ao nascente... elle contava-lhe os dedos... amorosamente... um por um... ella olhava-o com ternura... Dêm, dêm, dêm, dêm, dêm... seis horas...

— Quer dansar?

Era um infeliz... Queria dansar ainda... elle não havia visto aquelle deslumbramento que eu via... elle não havia ouvido o badalar religioso que os meus ouvidos escuta-



RECEPÇÃO EM HOMENAGEM AO GENERAL CAVIGLIA NA EMBAIXADA ITALIANA — RECEPÇÃO NA LEGAÇÃO DO EQUADOR.

ram... elle não havia comprehendido nada... elle não havia sentido nada... era mais desgraçado ainda... soffria também...

E a igreja não existe mais... O terraço do Palacio Hotel não existe mais... Aquella mulher... não existe mais... Toda aquella gente, toda aquella alegria... todo aquelle ether... não existem mais...

Tout passe, tout casse, tout lasse...

VINA CENTI.

■

LORD NORTHCLIFFE

Morreu, segunda-feira, em Londres, Alfredo Harmsworth, Lord Northcliffe. Tinha cincoenta e sete annos. Era a maior actividade da imprensa europeia. A *Northcliffe Press*, editora dos mais importantes jornaes, das mais populares revistas da Inglaterra, orgulha a grande nação e é um dos espantos do mundo... Lord Northcliffe possuía em cada um dos seus muitos m'l auxiliares um amigo grato, feito pe'a sua bondade. Contando della, ainda ha pouco, lemos numa chronica:

"São de seus jornees os ordenados mais elevados da imprensa em todo o mundo.

De uma affabilidade encantadora, trata Lord Northcliffe a seus subordinados como se se dirigisse a pessoas de suas familias. Fa'a-lhes com intimidade de suas tarefas e dos seus planos, procurando descobrir-lhes as idéas, as opiniões, os sentimentos.

O celebre jornalista pôde vanzloriar-se de ser um dos poucos patrões que jámais tiveram de enfrentar uma greve. Os empregados que partiram para o *front* não sentiram temores pelo futuro de suas es-



INSTANTANEOS
DAS REGATAS
DE DOMINGO,
NA ENSEADA
DE BOTAFOGO



posas e filhos, pois sabiam que, se morressem, não os deixariam ao desamparo.

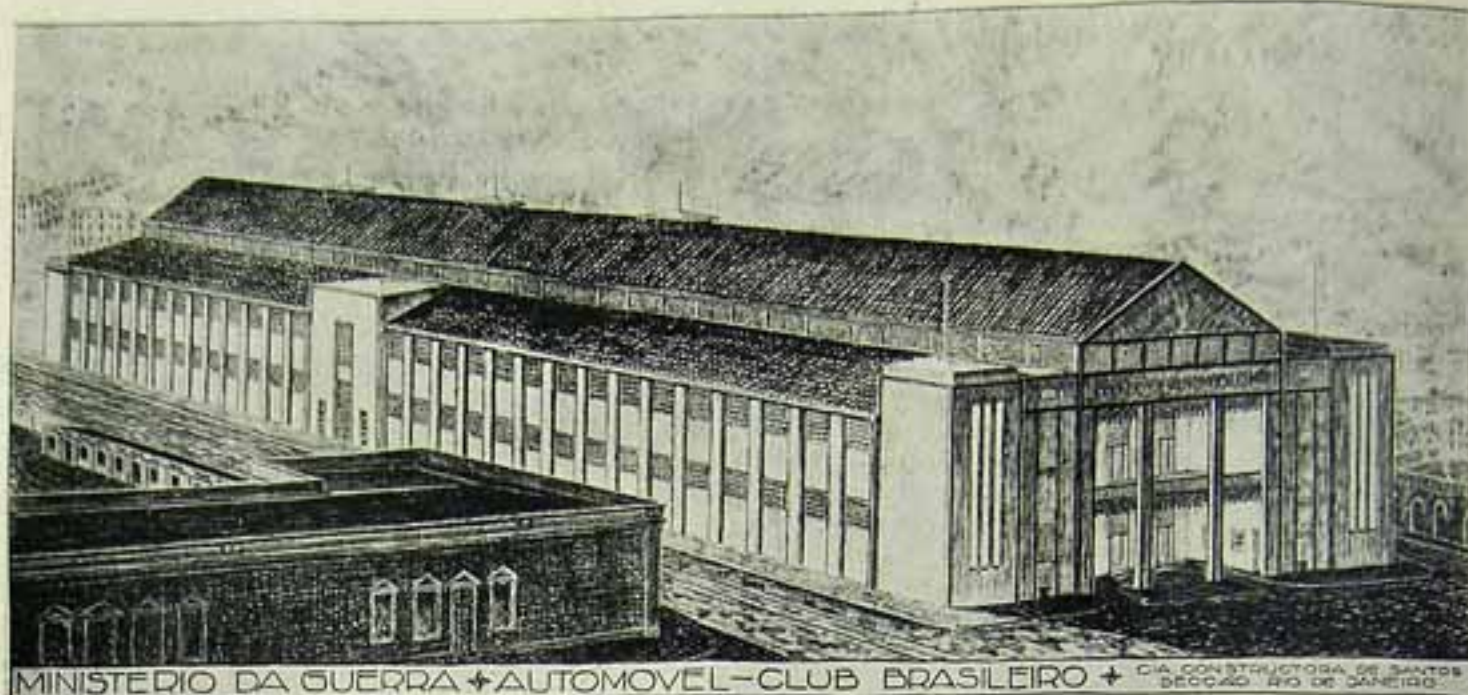
A pesar da guerra e do peso excessivo dos impostos, Northcliffe não olvidou nunca as obrigações para com os seus empregados, compromissos que sempre julgou sagrados."

■

HA certas mulheres que são dotadas de uma especie de sensualidade fria, profunda e quasi indifferente; e que deve ter a mais intensa forma do prazer pelo seu infinito, obscuro desdoloamento. As mulheres muito expansivas são de v'bração toda exterior, de vida de superficie; as primeiras como que condensam, extratificam as emoções, para só desabrocharem no intimo da alma, e para quem pôde chegar até lá.

FLEXA RIBEIRO





MINISTERIO DA GUERRA + AUTOMOVEI-CLUB BRASILEIRO + CIA. CONSTRUCTORA DE SANTOS DECAO RIO DE JANEIRO

No Cães do Porto, onde antigamente eram as "Docas D. Pedro II", o Ministerio da Guerra está construindo um grande deposito para material bellico em transitio. Mas, durante a exposição do centenário, por um accordo feito com o Automovei Club Brasileiro, esse edificio servirá para Palacio de Automobilismo e Aviação. A construção que abrange uma area de 5.600 metros quadrados, está a cargo da Companhia Constructora de Santos. Foi iniciada em 15 de Junho, devendo ficar concluida nos primeiros dias de Setembro. Toda a estrutura da construção é de concreto armado e foi calculada para resistir a grandes pesos. Uma vez concluido será esse o maior armazem do Cães do Porto e construido num espaço de tempo que constitue um notavel "record" — tomando-se princi-

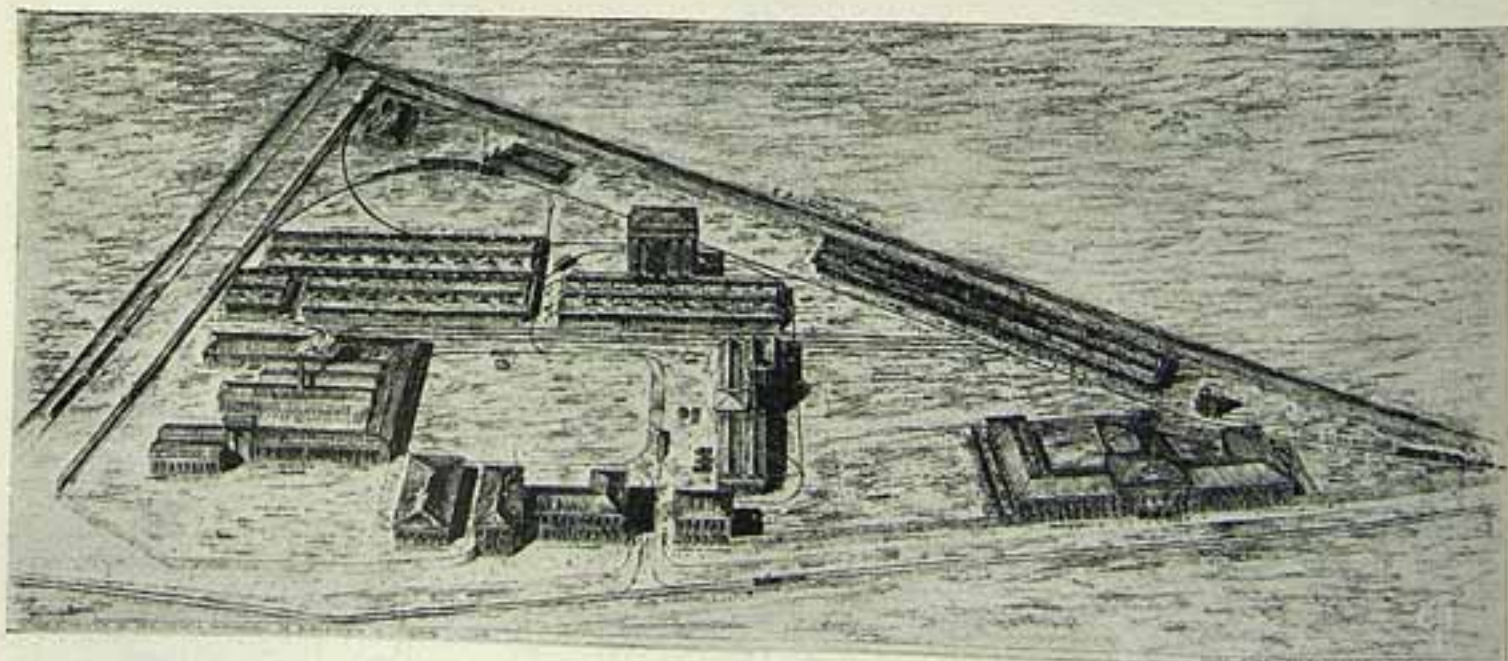
palmente em consideração a natureza da construção.

Outra obra importante do Ministerio da Guerra é a dos estabelecimentos da Intendencia Divisionaria de Subsistencias das forças da 1ª região militar, também a cargo da competencia, bom gosto e actividade da Companhia Constructora de Santos, a maior empresa nacional de construções civis. Essas obras, localizadas em Bemfica, comprehendem grandes armazens de recepção, com a maior bateria de imunizadores que se conhece na America do Sul. Ligados a esses imunizadores, por aparelhos mecanicos de transporte e elevação, estão 12 formidaveis silos, que vão ser construidos em cimento armado. Estão sendo edificadlos ainda grandes depositos de viveres, a maior padaria mecanica da America do Sul, armazens e tendas frigorificos, ar-

mazens para forragens e inflammaveis, oficinas, edificios para administração e quartel do corpo de intendencia, etc. Nos estabelecimentos entram tres linhas ferreas, o *tramway* da Light e um canal navegavel com acesso ao porto. Pela sua organização, está destinada a prestar grandes serviços á cidade, no caso de crises de alimentação. A economia que seu funcionamento trará ao governo federal pagará em um anno o custo da sua construção.

De seu funcionamento resultará também a existencia de um corpo especialista organizado de abastecimento, que prestará reaes serviços em caso de guerra.

Em summa, essa grande obra, de que publicamos uma perspectiva, será, talvez, a maior construção industrial do Rio de Janeiro.



ESTABELECIMENTO DA INTENDENCIA DIVISIONARIA DE SUBSISTENCIA DA 1ª REGIÃO MILITAR.



POSSE DA NOVA DIRECTORIA DA SOCIEDADE DOS ARCHITECTOS — BAILE NO SPORT CLUB BRASILEIRO.

■ ■ ■ ■ ■

UMA NOVA ALVIÇAREIRA

A sociedade elegante, que nos lê, devemos uma notícia de capital importância: — A "Ilustração Brasileira", em tratando no seu proximo grande numero de luxo, de 7 de Setembro, commemorativo do Centenario da Independencia, não se occupará exclusivamente dos assumptos, de mero interesse patriótico, mas de coisas leves, delicadas, ao fino sabor das nossas queridas leitoras. Como se testiam as nossas avózinhas, será um assumpto, entre outros, notavel, de bom gosto. Preparem-vos, pois, leitoras do Para todos..., para adquirir a "Ilustração Brasileira" do Centenario.

Dos Srs. Monteiro Lobato & C., editores em S. Paulo, recebemos os seguintes livros: *Redenção*, 2ª edição do conhecido romance de Veiga Miranda, que tantos louvores recebeu ao apparecer; *Crêpusculos*, versos de Moacyr Chagas, recentemente eleito para a Academia Mineira de Letras, na vaga de Alfonsus de Guimarães; *Mulo sem cabeça*, excellentes novellas de costumes sertanejos, por Gustavo Barroso; *O problema do além e do destino*, notavel estudo espiritualista pelo Dr. Alberto Seabra; *Chuva de Rosas*, poesias de J. Salis Goulart, prefaciado por João Ribeiro; *Apparencias e Realidades*, magnificos estudos e ensaios de Gilberto Amado; *Meus odios e meus affectos*, excellent trabalho de critica erudita por Almachio Diniz.

Além do valor literario destas obras, distinguem-se todas ellas pelo acabado e pelo capricho da factura material.

■ ■ ■ ■ ■



O NOSSO COMPANHEIRO JOÃO DE SOUZA LIMA QUE ESTEVE NAS OBRAS CONTRA AS SECCAS DO NORDESTE, DAS QUAES TROUXE UMA COMPLETA REPORTAGEM COM INFORMACOES E PHOTOGRAPHIAS. ESSA REPORTAGEM SERA PUBLICADA NA "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", A PARTIR DE 7 DE SETEMBRO.



POSSE DO PROFESSOR FAUSTINO ESPOSEL NA FACULDADE DE MEDICINA. O PROF. ESPOSEL QUE É UM DOS MAIS MOÇOS DA CONGREGAÇÃO DA ESCOLA HONRA A SUA NOBRE CLASSE PELA CULTURA E PELA DISTINÇÃO.

QUANDO encontramos um casal desattento, silencioso, quasi aborrecido, ou profundamente indifferente, — podemos affirmar que são casados.

Aliás a lingua não mente: os que se falam, riem, se communicam, cuidam-se mutuamente, e têm, um para o outro, pequeninas attensões... são simplesmente amantes.

Flexa Ribeiro.



FOOTBALL — DOIS ASPECTOS DA ASSISTENCIA AO JOGO ENTRE PAULISTAS E CARIOCAS EM SÃO PAULO.

Para todos... CINEMA Para-todos...!

REVISTA DEDICADA AOS INTERESSES DA CINEMATOGRAFIA

REDACTOR-CHEFE
OPERADOR

RIO DE JANEIRO 10 DE AGOSTO DE 1922

COLLABORADORES
VARIOS

A NOSSA CAPA

CHARLES CHAPLIN (Carlito) é o rei dos comicos, o comico por excellencia. Seu ultimo film moderno, entre nós passado, *O garoto*, revelou-lhe, mais que nenhum outro, o genio artistico. Que os outros films (e são já meia duzia), posteriores a *O garoto*, não nos fiquem desconhecidos!...

♦ ♦ ♦

No proximo numero — MAE MURRAY.

Chronica

PROGRAMAS

Sabemos estar entre nós um representante de firma franceza destinada a trazer ao nosso mercado o que de melhor vem produzindo a cinematographia daquelle paiz, que só raramente figura actualmente nos programmas dos nossos cinemas. Entre os films, já no Rio está "*Visages volés, ames closés*", que a critica europeia considerou uma das obras mais delicadas já mais produzidas para a scena muda.

Viremos agora se se faz campo para a cinematographia franceza como para a allemã, tão intelligentemente conseguiram fazer os Srs. Romblauer & Co., hoje Gloria Film empresa que tem conseguido trazer ao Brasil tudo quanto de melhor vem produzindo a industria cinematographica germanica. E' necessario dizer que, se a cinematographia franceza não tem até aqui figurado mais frequentemente em nossos programmas, deve-se isso unica e exclusivamente ás exigencias fantasticas dos productores que parece, queriam enriquecer de golpe, com a venda de um só film para o Brasil.

Aludimos em passado numero á movimentação da industria franceza com as noticias da nossa Exposição. Em notas da imprensa vimos affirmarem-se cousas fantasticas como o arrendamento de todos os grandes cinemas do Rio para projectarem durante as festas, só films allemães.

Pode ser que com essas frutificacoes tenham baixado um tanto as exigencias francezas, tornando possivel a exportação para aqui de alguns dos bons films ultimamente feitos. E' o caso de nos darmos parabens. Se bem sem os rigores da technica, os recursos financeiros e mesmo (para que não dizer?) com as graves deficiencias de interpretação dos artistas arrebatados ao paiz, ha na produçao franceza, por seus argumentos, alguma coisa que nos atrai e em outras jma's encontramos e que é a contribuição do espirito francez, finalmente litteraria.

Faz pouco, um dos directores da Paramount Jesse Lasky, disse em francez dos motivos que o levaram á Europa sendo o principal a caça aos argumentos para as produções da grande fabrica norte americana, confessando filiar-se de "internacionalismo" existindo para o film que aspira dar a volta ao mundo. E essa confissão fez levantar clamorosos queixumes á imprensa profissional franceza. "Se nos leram agora, com o prestígio do dollar, a guillemet com que

contavamo unicamente para a concorrência; se os nossos escriptores passaram a escrever para o productor americano, que com maiores recursos technica e interpretes mais perfeitos já nos faz hoje tão grato mal, na propria França, onde os seus films são preferidos aos nossos, não grado a pobreza dos argumentos, ai da cinematographia franceza, se não tratarmos de obter igualdade nos processos em que nos superam!" Por ali se vê como se delinea, feroz, a luta entre os grandes mercados productores. E por isso mesmo que seremos (e por quanto tempo ainda) absorvedores exclusivamente do film estrangeiro, porque de nacionalisar essa industria não curamos, imprevidentemente, impatientemente, deve ser agradável ao nosso publico ter a certeza de que mais abundante, mais variada vai se tornando a programação dos nossos estabelecimentos de projecção, considerado já o Brasil um mercado digno de disputa.

OPERADOR

CORRESPONDENCIA DA ALLEMANHA

Começaremos breve a publicar em todos, ou quasi todos os numeros de nossa revista, uma correspondencia que da Allemanha nos enviará o Sr. WALTER EMERICH HEHL, nosso patricio, que ha muitos annos reside em Berlim. Conhecedor profundo do meio cinematographico, sempre ao par das ultimas novidades sobre a produçao germanica, poderão assim os leitores de *Para todos...* por intermedio de suas cartas, andar sempre ao par de tudo quanto diz respeito ao cinema na Allemanha.

Iniciaremos brevemente a publicação dessa correspondencia.

♦ ♦ ♦

Em seu pedido de divorcio, Constance Talmadge allegou maos tratos por parte do

marido, o grego negociante de films, John J. P'alogolo. O casamento foi em 26 de Setembro de 1920 em Greenwich. A separação foi em 5 de Abril de 1921. Dizem entretanto que tres dias depois do casamento Constance voltava para a casa materna, tendo depois se reconciliado com o marido. Alleza ella mais: que elle não queria que ella continuasse a figurar em films. "Tive de escolher entre o meu marido e a minha profissão. Optei por esta", diz Constance.

Constance está na California, em casa da irmã, Mrs. Buster Keaton.

♦ ♦ ♦

Elliott Dexter, depois de uma viagem de seis mezes pela Europa, voltou a trabalhar para a Famous Players.

♦ ♦ ♦

UM GRANDE FILM

Nós temos sido sempre impiedosos na critica á produçao da Fox. Raros films têm merecido os elogios nossos. E a nossa critica tem se estrilhado sempre na mais estricte justiça. Hoje, entretanto, temos que elogiar sem restricções um dos films de esta marca, (o marido no caso de elogios que elle vem despertando em qualquer ponto onde haia sido exhibido).

Honrarás tua mãe (Over the hill), é na mais lata accepção dos termos, uma obra prima. Lavar de interpretação por parte de sua figura principal Mary Carr, cuja obra formidavel impressionará os corações ainda os mais insensíveis. Lavar de sentimento, a afabulação que ha de interessar e comover a toda gen e. *Honrarás tua mãe*, é um dos grandes trabalhos da cinematographia mundial. Ninguém deve deixar de vê-lo, quando exhibido no Odeon.

HONRARÁS TUA MÃE

Film Fox — Produção de 1920

OPINIÕES DA CRÍTICA

É uma obra prima em toda a extensão da palavra. Uma obra prima de emoção natural, directa, profunda, humana. É um film americano em que não se enxerga nem uma sombra de "cow-boy", apresentando um caracter de universalidade absoluta; um film, cuja acção se pôde desenvolver em qualquer ponto do universo em que o homem existe e tocar todos os corações sensíveis. É com films como *Meu menino* e *Honrarás tua mãe* que se mostra a expressão suprema da arte cinematographica.

La Cinematographie Française.

Éis um film que pode, sem lisonja, ser classificado entre os melhores que têm sido até aqui realizados.

Moving Picture World.

Film que não podia ter sido mais bem feito.

Exhibitor's Herald.

Uma obra prima de direcção e interpretação.

Motion Picture News.

Linda e tocante produção sobre o thema do amor materno.

Wid's.

A senhora Benton é mãe de seis filhos, que formam todo o seu encanto, a unica razão de sua existência. Alma ternissima, coração de mãe que no mundo só uma coisa vê — seus filhos, cujas alegrias o fazem palpar como as suas dores o dilaceram, é ella a encarnação viva desse tipo de suprema bondade, sentimento que se externa na doçura e meiguice de suas fei-

seio das familias de mais rigorosa educação e a que a maldade dos vizinhos e dos parentes, muito severos e deslembados de sua infancia, prenunciam por ocaião de qualquer travessura um futuro atormentado e um fim, nada christão.

Menino terrível, suas travessuras, se despertavam a celeridade do pae, quantas vezes não faziam acudir o sorriso aos labios de mamãe Benton, sempre prompta a defendê-lo contra os efeitos das tempestuosas scenas que o marido de encadeava, fôra de si, a cada queixa ou a cada nova arte do incorrigível garoto!

E a sim corria a vida naquella lar. Os outros filhos de mamãe Benton eram meninos como todos os mais, agindo conforme o humor da occasião, attentos aos conselhos e ás reprimendas, jámais escandalizando com o seu procedimento, como Joãozinho, os parentes e os vizinhos.

O pae tinha este filho na peor conta.

Costumava dizer, ás vezes, com desconsolo:—Joãozinho é a vergonha da familia. Por mais honrada que esta seja, por melhores sentimentos que a gente procure inculcar nos filhos, ha sempre um que degenera. Os outros serão cidadãos uteis á sua patria, honrados e laboriosos, pães de familia modelares. Aquelle... quem sabe onde o levarão os seus mãos instinctos! E mamãe Benton, sempre indulgente, respondia:

— Não diga isso, meu velho. Você não conhece Joãozinho como eu. É um coração de ouro. Tem um genio folgazão, irrequeto, arrebatado, mas sou capaz de jurar que nunca, ovi-te, nunca nos ha de envergonhar.

E o pae, com um sorriso sceptico:

— Queira Deus! Elle te ouça!... Que elle não vá acabar os seus dias na cadeia!



Enquanto isso, Joãozinho pintava peões arredores, ás pedras nos pardaes, pulando muros á cata de ameixas, subindo as arvores mais altas, a apanhar ovos de passarinhos, armando alcapões para os esquilos, voltando á tarde, para casa, depois de um dia de gazeta, roto, sujo, em françalhos a roupa, mas o rosto corado, os olhos brilhando, resolutos.

A tre tra da escola já por varias vezes delle se havia queixado. Nunca sahia as lições e, quando alguma resposta dava ao questionario, era que por traz lh'a soprava a Isabelinha, a sua amiguinha predilecta, para quem Joãozinho reservava todas as cousas lindas que obtinha com a industria e com as suas diabruras. E os dias corriam...

Vinte annos são passados.

Mamãe Benton envelheceu e agora os seus cabellos formam sobre a sua cabeça, aureolando-lhe as meigas faces, uma pasta de algodão.

Papae Benton, alquebrado tambem, continuava sempre com o seu genio colerico e arrebatado.

Os filhos mais velhos do casal haviam tollos contrahido matrimonio e moravam em varios pontos. A familia se dispersara. O lar entri-tecera.

Só Joãozinho ficara; um latagão agora, sempre terno e solícito para com a mãe e para com Isabel, sua noiva.

Era elle quem consola a velha da ausencia dos outros filhos.

No dia do anniversario de mamãe Benton, filhos e filhas, genros, noras e netos se haviam reunido na velha casa, para e se fim garridamente enfeitada. A alegria era geral. Só o velho continuava triste e macambusio. É que uma idéa fixa o torturava. Aquelle dinheiro que devia pagar dentro de poucos dias, aquella maldita divida...

Quando á noitinha, após o jantar, todos se reuniram, elle levantou-se e dissimulando a sua sahida de-xou a casa, mergulhando na escuridão da noite.

João tambem havia sahido.

Todos os irmãos, reunidos em torno da doce velhinha, ella não lhe havia de sentir a falta. Fôra conversar com Isabel. E le mãos, entrelaçadas, os dois faziam projectos para o futuro. Haviam de ter uma casinha para elles...



Mamãe Benton lendo as cartas dos filhos...

ções, na ternura dos seus olhos e que fazem com que a gente exu e muita vez as duras cousas terrenas, as pequenas miserias da vida, a abundancia do egoismo que envolve em geral as acções humanas, esse sentimento todo feito de ternura e sacrificio que eleva a humanidade até o regaço do Eterno.

Mamãe Benton fazia de sua vida um tecido de sacrificios, desses pequenos sacrificios que passam despercebidos ás mais das vezes, em torno de seus filhos, sua coroa de glorias, por cuja felicidade nenhum sacrificio duro lhe parecia.

O marido, papae Benton, raro se intrometia com elles, a não ser para castigar Joãozinho, o filho mais moço, natureza franca e rebelde a todas as sujeições, um desses diabretes que surgem, ás vezes, no

DISTRIBUIÇÃO	
Mamãe Benton . . .	MARY CARR
Papae Benton . . .	William Welsh
Isabel (menina) . . .	Sheridan Tansey
Isabel (homem) . . .	Niel Tearle
Thomas (menino) . . .	Stephen Carr
Thomas (homem) . . .	John Dwyer
João (menino) . . .	Jerry Devine
João (homem) . . .	John Walker
Carlos (menino) . . .	James Sheldon
Carlos (homem) . . .	Wallace Ray
Rebecca (menina) . . .	Florence Carr
Rebecca (moça) . . .	Phyllis Diller
Suzana (menina) . . .	May Beth Carr
Suzana (moça) . . .	Louella Carr
Isabel Strong . . .	VIVIENNE OSBORNE
Agulhita, mulher de Pedro	Dorothy Allen
Lucy, mulher de Carlos	Edna Murphy.



...tomando-a nos braços robustos...

— Isabel, promettes-me uma coisa?

— O que, João?

— Se algum dia a minha mãe ficar só, não te opporás a que ella venha morar connosco?

— Mamãe Benton. Ah! João! Se eu a estimo como se já minha mãe fosse!

João tomou-a nos braços commovido. E, assim enlaçados, deixaram correr os instantes de iciosos de doce emoção...

Separaram-se, por fim. João voltou para casa. Não fossem os irmãos regressar na sua ausencia. Foi quando ia a tran-sor a enervilhada que a catastrophe se deu.

João, por mais que abrisse os olhos, não ved'a acreditar no que via. Seu pae, aquelle homem, cujos principios severos respeitava, se bem não justificasse seus impulsos arrebatamentos, fursando!



O filho incorrigível

Era elle, então, o ladrão de cavallos de que toda gente se queixava. Precipitou-se: — Pae! — exclamou elle.

E baixou a cabeça, para que o velho não visse nos seus olhos a censura que seus labios se recusavam proferir. Os filhos não podem e não devem jámais ser juizes dos actos de seus paes.

O velho baixara a cabeça também, succumbido deante do appello e da muda censura do filho, tanto mais terrível para elle, quanto mais silenciosa.

Foi quando os guardas, postos de alca-têa, os cercaram.

E João, em um impulso, estendeu os pulsos ás algemas.

— Perdoe-me, meu pae. Foi a minha sorte. A minha má cabeça levou-me a commetter um crime! Perdoe-me.

E enquanto o velho, estupefacto com o inesperado desfecho da scena, cahia senta-do, sentindo as forças faltarem-lhe sobre o talude da estrada, o grupo do preso e seus conductores afastou-se.

Com o seu sacrificio, João — a má ove-lha do rebanho — salvára a honra e o bom nome da familia inteira.



Tres annos são passados.

O velho Benton não pudera resistir ao golpe, ao remorso, ao saber da condemna-ção de seu filho a tres annos de penitencia-ria. Morrerá com o nome delle nos labios. E todos pensaram que era uma ultima cen-sura ao máo filho...

João voltára da prisão.

Mamãe Benton, mais velha, mais fraca, os traços de sua dor impressas nas fundas rugas do seu rosto emmurchecido, rece-beu-o de braços abertos, seu coração de mãe, transbordando de alegria.

Mas o filho deshonrado não pôde per-manecer por muito tempo naquella terra, em que o seu passado era de todos conhecido.

Parte a trabalhar bem longe. E entre-ga a sua mãezinha aos cuidados de seu ir-mão mais velho, Isaac, assegurando-lhe que todos os mezes enviaria pelo correio uma quantia sufficiente para manter a ve-lha e pagar as despesas todas da casa.

Mal, porém, o moço volve as costas, re-une-se o conselho de familia. E decidem todos que, sendo mamãe Benton muito ve-lha já para supportar a carga de uma casa como aquella, melhor seria vendel-a. E todos partilham, menos João, ausente, do producto da venda dos bens do velho ni-nho da familia.

E para a triste velha começou, então, uma existencia de dores.

A principio em casa de Carlos, cuja mu-lher frivola, má e caprichosa, tratava-a antes como uma creada; depois, em casa de Suzana, em que ella se mata a trabalhar, sempre desconhecido o seu esforço e mal tolerada a sua presença.

Appellou para Isaac, o seu filho mais velho, aquelle que gozara as primicias de seus carinhos maternos. Isaac, porém, coração frio e egoista, hypocrita e avarento "não era rico e tinha dois filhos". Recolheu-a, entretanto, á espera da resposta ás cartas enviadas aos dois ultimos filhos, que moravam no campo e eram mais abastados.

As respostas são carinhosas, cheias de sentimento filial: mas na primeira allega-se que faz muito frio aquelle anno e "a mamãe não supportaria os seus rigores".

Na outra, pelo contrario, o motivo era o grande calor que necessariamente preju-diciaria a sua saúde.

E Isaac, colerico, diz com franqueza que não pôde mais fazer sacrificios, calan-do o facto de todos os mezes receber o di-nheiro que João religiosamente remetia.

Mamãe Benton, repellida pelos filhos, vae parar ao Asylo... resignadamente, sem um queixume, sem lançar em rosto, aos filhos, a sua ingratidão.

Eis que João, curtido o seu coração de saudade por sua mãe e sua noiva, regressa á terra. E vae, de porta em porta, á casa de todos os irmãos, que o recebem hostil-mente, á procura da velha. A principio acreditou-a morta.

Mas a pouco e pouco, pesquisando des-confiado, ponde, afinal, chegar ao conhe-cimento da infamia do irmão mais velho e da ingratidão dos outros. Uma colera fu-riosa o empolga e cahindo sobre Isaac, fal-o sentir a força dos seus punhos. Agarra-o depois pela gola do paletot, ar-rastando-o até o Asylo onde pretende fazel-o pedir, de joelhos, perdão á triste abandonada. E, apesar dos protestos dos vizinhos, da gente que se reúne, fitando cheio de coragem e resolução aquelles que lhe querem impedir o caminho, prosegue elle, levando o irmão aos trancos.

Foi ali que Isabel interveiu.

— João! Se tua mãe vê esta scena, morrerá, João. Acalma-te.

João deixou o miseravel que, tremulo, refugiou-se em casa. Correu ao Asylo.

Mamãe Benton estava com a vista tão enfraquecida, que não ponde bem distin-guir o seu filho bem amado, quando este a veio surprehender na casa dos pobres, a lavar o soalho. Sentiu-se levantar nos seus robustos braços e sentiu as pancadas do seu coração amoroso. Murmurou apenas o doce nome com que o tratara sempre: — Joãozinho!

Era bem elle, o seu caçula, aquelle que jámais della se quizera separar, aquelle que ella sózinha defendia contra a malque-rença de todos.

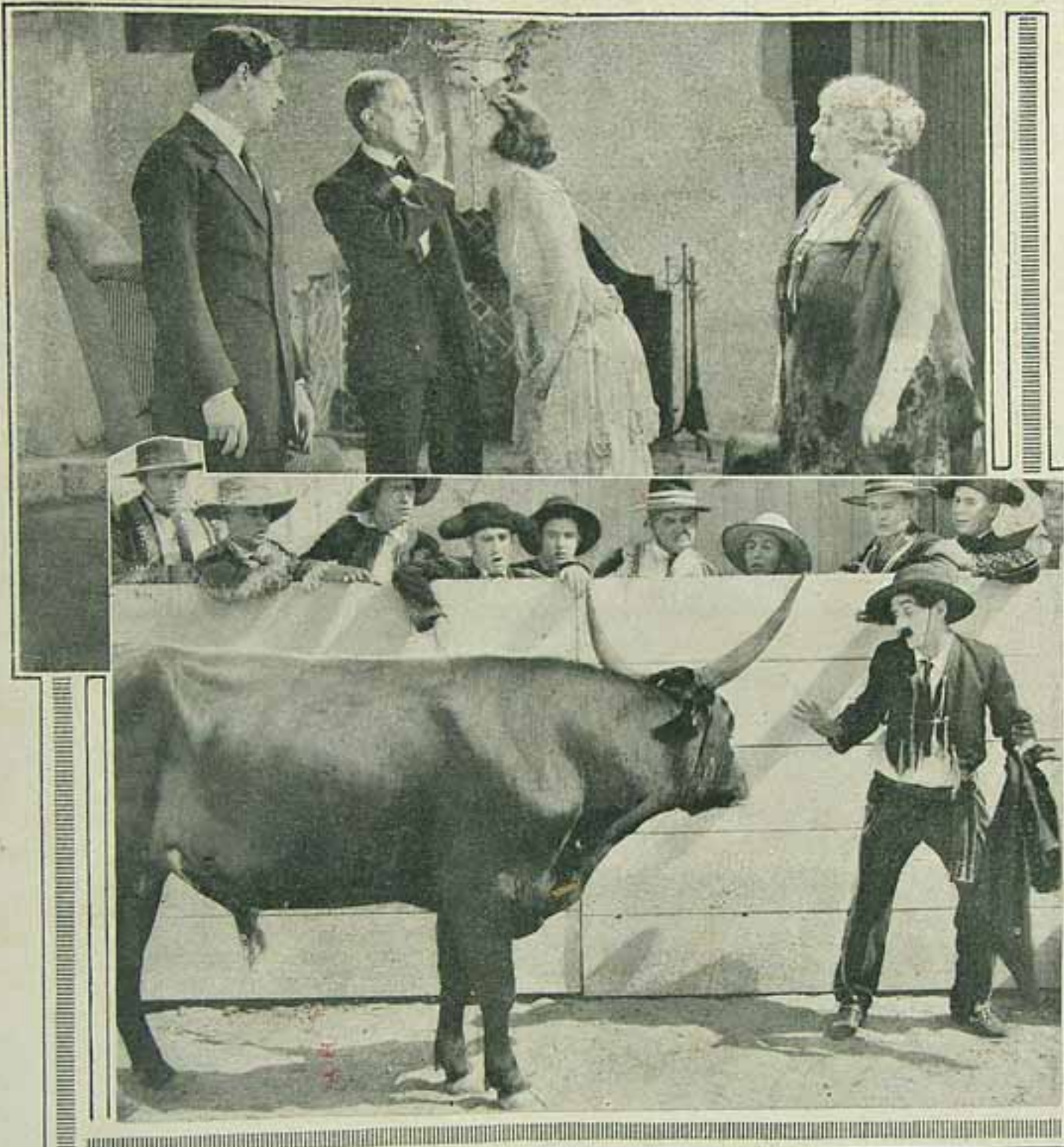
E quando, nos seus braços vigorosos, elle a transportou correndo para o velho lar, reconstituído agora, com todos os moveis mandados recolher aqui e além, na casa dos outros filhos; quando se sentiu de novo em sua casa, no aconchego tepido de seu lar, sob os carinhos do filho muito amado, mamãe Benton, sem um queixume, só teve palavras de carinho para os ingratos.

Eram todos a carne de sua carne, a to-dos amamentara, com todos repartira os inesgotaveis recursos de ternura do seu coração materno. Eram seus filhos. Porque não vinham ao velho lar, que era de todos?

E, a um e um, foram chegando os filhos a pedir perdão, concededores agora da grandeza do sacrificio do irmão mais mo-ço, arrependidos do seu procedimento com a velha mãe.

E os dias de mamãe Benton começaram a ecoar-se então felizes e calmos, entre as caricias de João e de Isabel.





Ao alto: George Arliss, o grande artista norte americano, Doris Kenyon, Edward Burns e Ida Darling em "The ruling Passion", da United Artists. Em baixo: Clyde Cook em "O toureiro".

WILLIAM S. HART NÃO TENCIONA APOSENTAR-SE

William S. Hart não pretende terminar por enquanto a sua carreira artística na cinematographia. Esse boato foi desmentido por elle, verbalmente, com as seguintes palavras:

"No verão vou iniciar os trabalhos cinematographicos do meu seguinte film, que será exhibido ao publico nos principios do outono. O meu cine-drama, *Travelin On*, distribuido pela Paramount, continuará a figurar nas telas dos cinemas deste paiz, até essa época. Portanto, não penso em... aposentar-me."

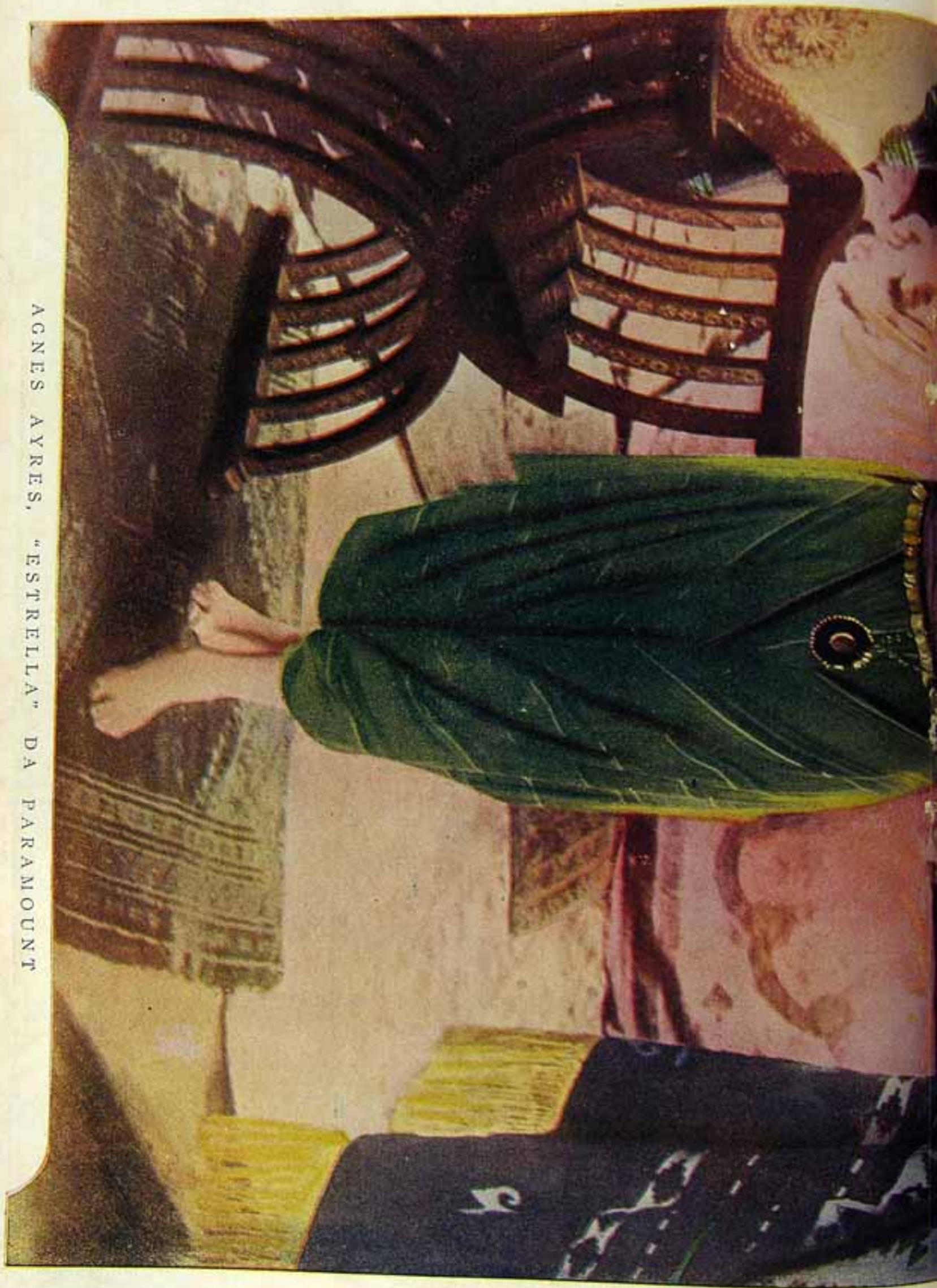
William S. Hart suspendeu ha alguns mezes, por um periodo indefinido, os trabalhos cinematographicos no seu studio, pelo simples motivo de estar adiantado com as produções do seu contracto. Desde então a Paramount distribuiu tres das suas produções, sendo a ultima *Travelin On*.

William S. Hart disse mais: "Devo o meu successo na cinematographia ao publico, a quem sou muito grato e tenciono continuar a trabalhar até que o publico diga basta! Os elogios feitos ao meu film *Travelin On* pela imprensa, demonstram claramente que o publico ainda não disse essa palavra. Não estou rico, mas tenho bastante para viver porque contento-me com pouco. Gosto de trabalhar e dedico à cinematographia um verdadeiro carinho, que talvez me tenha guiado nas minhas produções até agora recebidas pelo publico com geral agrado."

O film francez *Mil e uma noites*, da Ermol'eff-Film (empresa constituida por artistas russos) passado em Berlim, agradou francamente, sendo muito elogiada a interpretação da artista principal Natalie Kovanko.

Alice Terry, Ramon Samaniegos e Edward Connel'y figurarão no novo film de Rex Ingram, *Os trabalhadores do mar*, extrahido do conhecido romance de Victor Hugo.

AGNES AYRES, "ESTRELLA" DA PARAMOUNT







BETTY COMPSON JA' ESTA' ENSAIANDO O NOVO FILM "TO HAVE AND TO HOLD", NO QUAL BERT LYTELL SERA' O ACTOR GALA

Bert Lytell, que é um dos actores mais populares da tela cinematographica, foi contractado pelo director George Fitzmaurice para representar o papel de gala no novo film *To Have and To Hold*, da Paramount, adaptado á tela por Ouida Bergere da novella escripta por Mary Johnston. O Sr. Lytell partirá brevemente para Hollywood, onde o Sr. Fitzmaurice já tem tado preparado para iniciar os trabalhos do dito film no studio Lasky. O elenco é um dos melhores e incluye os nomes dos distinctos actores Theodore Roberts e Theodore Kosloff.

RAMON SAMANIEGOS, que Rex Ingram declarou "será famoso e querido dentro de pouco tempo", acaba de figurar em outro film, *Black Orchids*, sob a direcção do mesmo propheta. Como Rudolph Valentino, que Rex Ingram lançou n'Os 4 cavalleiros do Apocalypse, Samaniegos é dansarino, de origem latina. Está ha cinco annos nos Estados Unidos.

BARBARA LA MARR tem sangue francez e italiano nas veias. Foi dansarina; tem o'hos azues escuros, é morena, de cabellos pretos e 24 annos de idade. Trabalhou n'Os tres mosqueteiros, com Douglas Fairbanks. Fez-se sob a direcção de Fred. Niblo. Rex Ingram aproveitou-a n' O prisioneiro de Zenda e *Black Orchids*.

Amor versus profissão

"Die Frau im Dockterbut"

Produção da Ufa de 1922 — Comédia em 5 partes — Direcção scenica De Rudolf Bierbach

DISTRIBUIÇÃO

Dra. Lili Guyot . . .	Lotte Neumann.
Dr. George Hill . .	Felix Basch.
Dr. Maia	Ferry Sickla.
Um constituinte . . .	Karl Heinz Henschke.
Uma constituinte . .	Johanna Ewald.
A criada	Marie Rappeport.
O criado	Max Wülsen.

Para victória da emancipação da mulher, também a joven e encantadora d. Lili Guyot resolveu abraçar uma profissão, e entrou assim para a Escola de Direito e depois de completado o curso installou a sua banca de advocacia e com seu intelligente cão, Nero, aguarda a sua clientela.

Muito tempo esperou com todo seu pessoal de escriptorio que nada tinha que fazer e se aborrecia de nada ter para tratar, inclusive a joven stenotypista, que já lera todas as bibliothecas existentes no mundo.

O quadro era muito diverso nos escriptorios dos collegas e em especial no escriptorio do dr. George Hill, que não sabe como satisfazer a onda de consulentes que o procuram. O pequeno Leão, o inseparavel cão do dr. Hill, olha para todos com grande admiração.

Não ha no entanto mal que sempre dure, e certo dia tabem appareceu o primeiro cliente para d. Lili, e este é um preto, boxeur, e que vem pedir á joven advogada para ser seu patrono num processo de calúnia contra um outro boxeur, que elle havia abatido ha tempos e que lhe tirara o titulo de Rei do Box. D. Lili accieita immediatamente o mandado.

Nesta mesma occasião apresenta-se no escriptorio do seu collega dr. Hill o outro preto, do qual se queixára o primeiro cliente de d. Lili e este pede ao advogado que tome conta do processo contra o outro, que a todo panno queria para si o titulo de Rei do Box.

O dr. Hill, no entanto, em virtude de seus muitos affazeres, não pode tomar conta da questão e o recommenda um seu collega, o dr. Maia.

No dia da audiencia o dr. Maia espera impacientemente pela joven advogada, pela qual tem ha já muito tempo uma pontinha de amor. No momento em que ella finalmente apparece, elle quer lhe ser agradável e se offerce para carregar a sua pas-

ta; porém ella recusa a offerta gentilmente.

Na sala dos advogados d. Lili encontra o seu collega dr. Hill, que não lhe é de todo indifferente e os dois olham-se demoradamente. Neste momento entra também na sala o dr. Maia e este diz então a d. Lili que são antagonistas no processo que deverá ser julgado e na maior calma ella o ouve, mas de tal forma o faz que elle fica sem geito e põe-se ao fresco.

Ter sido tratado assim com desprezo pela sua collega, a quem dedica uma certa sympathia, não bastou no entanto para convencer-o de que devia desistir do proseguimento.

Em dado momento, quando ella passa por elle, dirige-lhe mais um galanteio e este é ouvido pelo dr. Hill que ferve então de ciúmes. Não sabendo porque processo ha de vencer a barricada que se formou entre ella e elle, resolve usar um *truc* e este é o de perder o processo que lhe foi confiado e, assim, talvez pelo primeiro triumpho ella possa lhe ser agradável.



As declarações do collega...



Na Côte de Justiça.

D. Lili de facto, ganha o processo para seu constituinte, que se alegra immensamente, enquanto a parte contraria, o outro boxeur, fica desesperado.

O dr. Maia encontra, ao sahir da sala de audiencias o seu collega o dr. Hill e lhe diz que perdeu propositadamente o processo para poder assim conquistar o coração da sua bella collega. Isto ouve o seu constituinte, que lhe paga os seus honorarios com uma formidável serra, como é facil calcular de um Rei do Box.

No dia immediato, num restaurant, reúnem-se todos os advogados do fóro para festejar a primeira victória de d. Lili. Também comparece a esta reunião o dr. Maia, com a cabeça enrolada, em consequencia dos sopapos que levára no dia anterior do seu amavel constituinte. A noite passa-se alegremente, e todos já se haviam retirado, estando somente no restaurant d. Lili, dr. Hill e o Maia. Ambos esperam que um ou outro se despeça, mas nenhum o faz porque ambos querem ter o prazer de acompanhar a encantadora Lili até a casa. Como finalmente, nenhum se resolve a abandonar o campo de acção, elles resolvem acompanhar d. Lili, juntos, até sua residencia e ali ella ainda os convida para tomar uma chavena de chá.

Na residencia de d. Lili, o somno consegue dentro em pouco vencer o Maia e elle entrega-se aos braços de Morphéu.

O dr. Hill aproveita-se do somno do Maia e atira-se aos braços da sua collega e esta não reage em absoluto, porque também ama o seu elegante collega.

Para festejarem o noivado que fôra ali naquelle momento combinado, o dr. Hill resolve então ir á adega e buscar uma garrafa de champagne.

Durante o tempo em que Hill desce á adega, Maia acorda do seu profundo somno e, vendo-se só com a collega e não sabendo que Hill estava ali proximo, ajoelha-se a seus pés e lhe faz um pedido de casamento.

Justamente neste momento entra na sala o rival. Nisto Lili vira-se para o seu noivo e diz para o Maia: "E' bom o senhor se dirigir ali ao meu noivo, caro collega".

Ao desgraçado não sobrou outra cousa senão metter a viola no sacco e festejar, como indesejavel junto a festa de noivado.

Como testemunha elle tem o prazer de servir poucas semanas depois na presença do juiz de casamentos. Ella quasi que chega atrasada para o enlace, pois ainda havia ido a uma audiencia e se admira da

(Termina no fim da revista)



A festa de noivado.



Advocacia e amor...



Entre collegas.

O primeiro encontro "Journey's End"

Film Hodgkinson — Produção de 1921 —
Direcção de Hugh Ballin

DISTRIBUIÇÃO

A moça Mabel Ballin
O ferreiro George Bancroft
O proprietário Wyndham Stand-
ing
A menina George te Bancroft
O tio Jack Dillon

OPINIÕES DA CRÍTICA

A afabulação é simples, daquellas, porém, que atraem e com um desfecho interessante.

Moving Picture World.

Film notavel em tudo e por tudo.

Motion Picture News.

Lindissimo enredo.

Exhibitor's Trade Review.

Drama sem legendas, que seria melhor, reduzi-o o numero de metros.

Wid's.

— E afinal, que quer a pequena? — perguntou a velha, interrompendo-se na sua lide junto ao fogão, para indicar a carta que o marido estava lendo. O sobrescripto estava marcado com um selo italiano, e o endereço, lançado numa calligraphia redonda e corrente, denunciava uma educação acima do commun.

— Não precisas te zangar, velha. Afinal, o que a pequena quer é bem pouca coisa: voltar aos Estados Unidos. Fazem uns bons dez annos que ella está com as irmãs no convento, e é bem natural que de-seje tornar a ver a sua patria!

— Ora qual! Olha: aqui é que ella não encontrará abrigo! Não temos casa sufficiente para alojar orphãos, muito embora sejam do mesmo sangue que tu!

— Mas, para onde queres tu que ella vá? Ha ali em catre vazio: ella que tome conta delle! Além disso, a pequena pôde prestar serviço! Seja como for, o que não posso é deixar vagueando á toa, por ali, a filha de minha falecida irmã.

— Bem me importa isto a mim! Eu é que não estou para aguentar com ella! É o dinheiro para a passagem, de onde é que vae sahir? Do que me havia de caber, a mim, que trabalho aqui como uma moça, não? Logo vi! Para ti, eu sou sempre o que meros conta!...

O velho soltou um suspiro e enfiou a carta no bolso. De que servia discutir com a mulher, no estado de mau humor em que ella estava? Aprendera por experiencia que era inutil, em occasiões como esta, qualquer tentativa de conciliação, bem como aprendera tamhem a supportar o cheiro de alcool que lhe vinha perpetuamente da bocca e a tolerar a immundicie que se notava por todos os cantos da casa.

— De onde vae sahir o dinheiro? — perguntava a velha de novo, com abominavel insistencia.

— Falei hoje com John, na fabrica. E' um bom rapaz; prometteu emprestar-me o bastante para eu pagar a viagem da pequena. Tem um coração de ouro o rapazola!

— Dividas, dividas e mais dividas; mas, quando dellas aproveitam os outros, ninguém acha nada que dizer! Se me aproveitassas em a mim, então o caso seria outro! Pois olha, velho: manda-a vir, se quizeres; mas te garanto que ella se ha de arrepender de ter deixado o convento!

O velho e nunca mais voltou ao assumpto senão no dia em que devia Maria Ce-

cilia chegar, e se apercebeu então — tantas semanas depois! — que nada fora feito para o fim de preparar-lhe o necessario alojamento.

— Não faz mal, seu compadre! — disse John. — O senhor e eu faremos tudo que pudermos para que ella se sinta bem, quando chegar. E depois, quem sabe, talvez a velha abraçe quando a vir!

— Não, disso não ha perigo, João, que ella não é desas! Ella desconhece por completo o que seja bondade!

A delicada moça, educada no convento, resentiu-se da rude recepção que lhe fez sua tia, muito embora a expressão de sympathia nos olhos de seu tio a aconselhasse a resignar-se, e na sombra avulsasse a figura de John, energico e poderoso, John, como um baluarte de protecção.

Sensível por natureza, como uma flor campezina, Maria Cecilia parecia uma figurinha vazada num molde tão delicado como o de uma estatueta de Dresden. Nos seus olhos castanhos, no seu sorriso fugidio, reflectia-se o ambiente pacifico, ultraterreno, do velho convento italiano, como num lago profundo e tranquillo se reflectem as caricias do vento e da luz.

A velha, grosseirona e desasseada, odiava-lhe a presença, mas ainda mais a belleza, a mocidade, a inconsciente superioridade. E por mais que a rapariga trabalhasse desde pela manhã até a noite, no empenho de pôr um pouco de ordem no cháos que existia em casa de seu tio, não lhe era dada outra recompensa mais, senão um prato de comida mal feita e o catre duro em que dormia.

Vem dahi, pequena: debes estar cansada disto. Vem distrahir-te um pouco! — disse-lhe um dia John, depois do jantar; e Maria Cecilia, depois de attervar um momento naquella semblante feio, mas bondoso, murmurou um assentimento. Effectivamente sentiuse melhor depois de um pequeno passeio com elle, daquelles poucos minutos de descanso num banco do jardim publico, muito embora não houvesse John tentado de modo algum romper o agradável silencio que os rodeava. Pela sua estatura corpulenta, pela sua solidez integral, pela sua apparente inexpugnabilidade, sentado ao lado de Maria Cecilia, franzina como era, inspirara-lhe, entretanto, John, um sentimento de confiança absoluta na sua força physica.

Era com elle que Maria Cecilia contava mais e mais para se collocar como uma barreira entre ella e aquella vida que, lenta, mas pertinazmente, a ia acabando. E eralhe grata pela satisfação que elle demonstrava em passear com ella; por aquellamanipola rude de trabalhador, que lhe estendia quando a auxiliava a atravessar a rua; por aquella discreção com que, sem pronunciar palavra, lhe fazia sentir que bem comprehendia quanto a tia a fazia soffrer. Primeiro homem que conhecia na vida, sem fallar em seu tio, não lhe despertara, entretanto, um sentimento de amor no coração. Esse, o que havia de afoguelhe os olhos na doce chamma do amor, teria que ser de estofa differente.

A pouco e pouco, porém, sob a influencia daquelles olhos castanhos tão lindos, John se tornara em homem avassallado pelo desejo. Queria a Maria Cecilia como

um faminto quer pão, como jámais nenhuma outra coisa quizera na vida! O seu amor era, porém, uma paixão sã, que crescia lentamente, e que tão só se manifestava por um olhar mais suave, um affago, uma expressão de voz mais gentil. John, o homem que trabalhava o ferro, jámais conhecera o amor tal como o cantam os poetas, nem sabia de palavras com que pudesse proclamal-o. E annos se teriam talvez passado, sem elle lhe dizer que amava, se não se houvesse produzido um lance inteiramente inesperado em sua vida, certo dia em que John se achava ali e o tio estava ausente.

— Queres dar um passeio esta noite? — perguntou á Maria Cecilia; mas como esta acenasse que sim, sua tia reinterio, numa exasperação que denunciava a maior quantidade de alcool ingerida nesse dia.

— Queres talvez ir para a rua, e deixar-me aqui, sózinha.

— E' só por um momento, tia, — disse a moça calmamente.

— Nem por um momento, nem por uma hora, comprehendes, assanhada?

— Vae hu car o teu chapéu! — disse John, peremptoriamente, e Maria Cecilia levantou-se para obedecer-lhe, grata á sua interferencia.

— Olha que, se fores, não voltarás para aqui! — ameaçou a velha. — Quem sabe se agora és tu quem manda aqui em casa? Lá que embrulhes o teu tio com os teus gatimanhos, pouco me importa, mas a mim não me embrulha ninguém!

Pela primeira vez John poz-lhe a mão sobre o hombro, num gesto protector, e os dois desceram a escada, sem que ella se offendesse pela attitude do rapaz, antes sentindo uma confortadora impressão de repousada confiança.

Meia hora depois, quando voltaram, a velha foi ao seu encontro numa colera insensata. Via-se que novas libações tinham



Na casa do operario.



Um lar modesto.

fornecido à sua casa um mais forte combustível.

— Eu bem te preveni! Sahiste, contra a minha ordem, não foi? Pois bem; agora terás que procurar outra casa! E se teimares em ficar aqui, eu te porei pela porta fóra, aos ponta-pés!

Instintivamente, a rapariga chegou-se para mais perto de Jo'm, e este, sem pronunciar palavra, a puxou meigamente para si, e lhe pegou nas mãos. Maria Cecilia, tal uma avezinha subitamente colhida n'uma armadilha, elevou a fronte para elle e viu-lhe nos olhos o clarão de uma nova determinação.

— Arruma as tuas coisas! — disse serenamente. Eu te levarei comigo. Não quero que por mais tempo te sujeites a semelhantes insultos. Nada receies de mim: nenhum mal te acontecerá.

Nada mais disse; mas Maria Cecilia, no seu de espirito, viu nas palavras de John o caminho aberto para sahir daquelle inferno.

Como testemunho da sua lealdade, Jo'm fez tirar uma licença de casamento e comprou um anel nupcial. Vinte e quatro horas depois a rapariga estava ligada ao seu protector por laços que, para uma pessoa da sua religião, só a morte podia desfazer.

Alugaram uma casa pequena, nova e limpa, e Maria Cecilia encontrou consolo, por algum tempo, em dedicar a nova habitação o seu melhor cuidado. De si para si, reflectia que a meiga solicitude de John pelo seu conforto merecia bem isso. O seu coração não se recuava, entretanto, ainda, ao bondoso rapaz. Três vezes por dia se ajava-se à mesa em frente d'elle, servindo-lhe o café, preparando-lhe os pratos do seu alimento. De manhã e de noite submetta-se aos seus beijos; mas não se lhe incendiavam os olhos quando encontravam os d'elle, nem lhe tremiam os lábios aos beijos do dedicado amigo.

— Tu não me amas, Cecilia — disse-lhe John accusadoramente, após semanas dessa existência sem paixão.

— Não, não amo — confessou tristemente a moça — nem sei o que seja amor!

— Julguei que, depois que fôssemos casados, me viesse a amar um pouco — continuou — mas vejo que tal n'ó succederá!

— Não, não succederá — repetiu Cecilia.



Não voltará mais para esta casa



Reprimindo a grosseria...

— Entretanto, sou um bom marido, pois não sou, Maria Cecilia? — interrogou John.

— Oh, sim, John, és um marido excellentissimo... e eu também sou uma boa esposa, dedicada ao lar, cumpridora dos meus deveres...

— Sim, sem duvida que és.

John nada mais disse. Nenhum dos dois perguntou — Porque fui eu casar contigo? — Sem duvida, porque reconheciam a inutilidade da pergunta. A rapariga sabia bem que se caíra para se salvar de um supplicio e John sabia que o tinha feito porque a adorava e, como tantos outros homens, acreditava que a poderia ensinar a amal-o. E as palavras do sacerdote ecoavam no cerebro de ambos: "Até que a Morte vos separe!"

Passaram-se meses, e Maria Cecilia procurou preencher com a leitura de bons livros o tempo que tinha de mediar até ao nascimento do seu primeiro filho. Só assim ella conseguia evitar que os seus pensamentos a arrastassem ao desespero. Tentou ler alto para que John ouvisse; mas elle não a podia comprehender.

— Deixa-me comer em paz! — dizia-lhe sem aspereza, quando ella tentava entreter o desse modo á hora de jantar — A mim basta-me o jornal que leio de manhã! Guarda os livros para ti mesma, para quando estiveres só!

Com olhos maguados via-o empurrar para dentro da bocca colheradas enormes de comida, e reflectia estremeceendo:

— Será possível que eu tenha que tolerar isto toda a vida?

O advento da joven Cecilia projectou um novo interesse na sua vida. Por algum tempo o amor dos dois pela criancinha fez-a esquecer a rudimentar intelligencia de John, a ausencia completa que havia nelle, dos mais finos e requintados instinctos. O grande amor que elle lhe dedia, imutavel como o ferro que trabalhavam as suas mãos, era como um circulo que os cingia a ambos, sem os deixar fugir. Passou-se um anno, depois dois, e finalmente, a criancinha deixara de exigir todos os pensamentos e attentões maternas. Apossou-se, então, de Maria Cecilia, um estado de desasosiego perpetuo, a que já nem os proprios livros offereciam lenitivo.

— Esta noite vou trazer para jantar o proprietario da fabrica — disse-lhe John uma manhã, na hora de partir para o trabalho. — Elle quer organizar um club para os operarios, e nomeou-me presidente da commissão organizadora.

Era preciso que a casa, pequena embora, apparecesse limpa e reluzente aos olhos do grande homem que ia ser seu hospede, e por isso Maria Cecilia a limpou da sala á cozinha, e armou cortinas novas nas janelas, e encheu as jaras de tufos de flores arrancadas do jardim. Arranjou depois, com o maior esmero, o cabel'o e alindou o seu vestido simples com um "fichu" de tulle, engomado.

— Maria Cecilia: este é o sr. Christopher Worth — disse John, acompanhando aquella noite o industrial á salinha de visitas. E Maria Cecilia encontrou-se, de cho-fre, ante os mais lindos olhos que já mais viu. Sentiu depois uma mão macia e firme apertar a sua, ao mesmo tempo que uma voz de agradável modulação dizia:

— A senhora é então esposa de John? Folgo de lhe ser finalmente apresentado. Ha tanto tempo que desejo conhecê-la!

Picou sentada defronte do visitante, á hora do jantar, e o olhar d'elle pareceu-lhe despertar extranhos sentimentos em seu coração. Recetidas vezes as suas palmebras baixaram sobre os olhos que a toda a hora se queriam pousar nos d'elle.

Para todos...

John, que discutia, porém, com o seu patrão, as possibilidades da creação de um club operario, não observou nada de particular na attitude de sua esposa.

— Volte quando lhe aprouver: sempre será bemvindo! — disse-lhe Maria Cecilia, e tendendo-lhe a mão, na hora d'elle se retirar.

Muito breve voltarei, se John m'o permittir — disse Christopher Worth, e o sorriso que lhe bailava nos olhos encontrava um jubilo igual aos olhos da esposa de John.

Muito breve, mais breve do que ella se atrevera a pensar, elle voltou de facto, e quando John não estava em casa.

— Passei por aqui, e acudiu-me entrar um momento para saber como estava a menina... e a senhora — disse, segurando-lhe a mão por um longo instante.

Maria Cecilia tentava acalmar as palpitacoes do seu coração, e conver ou de coisas triviaes. Elle apanhou o livro que ella estava lendo e considerou-a com um novo interesse:

— Esta é uma das minhas obras predilectas. O exemplar que eu tenho já e tá com as folhas rotas, de tanto ser manuseado!

— Quem sabe se o senhor não tem outros livros como este, que me pudesse emprestar?

— Tenho muitos com effeito, e estão todos á sua disposição. Quer que lh'os traga amanhã?

— Pois sim, traga-m'os amanhã á noite, quando John estiver ahí, sim?

— Mas eu não preciso de fallar com John! — argumentou Worth.

— Mas venha quando elle estiver aqui, sim? — insistia a moça.

E Worth concordou.

Foram-se completando os planos para a execução do club, e Christopher Worth achou muitos pontos de detalhe, de que conversar com John. Nas conferencias, Maria Cecilia e o proprietario da fabrica poucas occasiões tiveram para conversar. Mas os livros que elle lhe trazia offereciam o pretexto, por que almejavam ambos, para se verem. A voz d'aquelle homem, o olhar dos seus olhos, pareciam fazer renascer para a vida as reservas de alegria e contentamento que ella receava se houvessem e tancado no seu coração, desde o dia em que, na ensolarada Itália, se despedira do convento. E de novo se tornou jovial, como fóra nos dias longínquos em que corria por jardins víçosos, com as demais companheiras, engolfada nos seus sonhos de aventura e de romance.

E de novo sonhou, sem reflectir que semelhante amizade não podia continuar para sempre, recordando apenas a letra, que não o espirito, dos versos que, na occasião do casamento, pronunciou perante o altar de Deus!

Os planos para a organização do club ultimaram-se por fim; mas Christopher Worth nem por isso deixou de visitar John de vez em quando, em sua casa. O espirito do trabalhador com difficuldade apprehendeu a significação daquellas visitas. Só tem mais tarde se fez claro em seu espirito e elle chegou á conclusão de que Christopher Worth conquistara de sua esposa o que elle já mais lograra conquistar!

A revelação foi subita, e não despertou rancor algum em seu coração, nem a moveu a dirigir palavras de censura a Maria Cecilia. Amava-a e amara-a sempre, fizesse ella o que fizesse. Além disso, ella não praticára acto algum por que a pudesse condemnar. E concluía cruelmente:

— O outro é da sua igualha, e eu não sou!

(Termina no fim da revista)

Foras forte do que o Amor "Greater than Love"

Film da Associated Producers — Produção de 1921

DISTRIBUIÇÃO

Grace Merrill	LOUISE GLAUM
Diana	Lillian Worth
Elsie Brown	Patricia Palmer
Mazie	Rose Cade
Clarice	Eva Southern
Pinkie	Willie May Carson
Helen Worthington	Betty Francisco
Bruce Wellington	MAHLON HAMILTON
Elliot	Donald Mc Donald
Frank Norwood	Edward Martindel
Mãe Brown	Gertrude Claire

OPINIÕES DA CRÍTICA

Deve ser muito bem recebida pelo público esta recentíssima produção da Associated, em que Louise Glaum apresenta o seu melhor trabalho artístico.

Exhibitor's Herald.

Uma grande lição de moral.

Wid's.

Produção de thema muito humano.

Motion Picture News.

— Grace querida, — disse a pequenina Elsie Brown penetrando no aposento onde Grace Merrill se estava vestindo, e detendo-se, numa attitude de tristeza, junto ao espelho de tres faces, de que a outra moça se servia para observar cuidadosamente a sua *toilette*, perfeita em demasia.

— Que se passa, netiza? — perguntou Grace a esmo, sem distrahir a sua attenção de uma fivela cravejada de pedras, que procurava collocar á cinta do seu vestido de velludo, guarnecido de sequins prateados.

Elsie não respondeu logo, e esperou que Mazie e Diana tivessem entrado no quarto e sahido de novo com um breve "até logo". Grace levantou os olhos que eram luminosos e negros, apesar das densas pestanas que os orlavam, da sua expressão um tanto dura, e levantou-os então para Elsie.

A mais moça, todos a dariam por irmã de Grace, por tal fôrma pareciam verdes ainda os seus dezenove annos, de tal modo era delicado o seu corpo, masculino e puro o oval de seu rosto, avivado por uns lindos olhos azres, enquadrado em cabellos curtos, naturalmente frizados. Hoje, havia porém naquelles olhos um toque de pezar que Grace logo observou, e uma depressão dolorosa naquelles lábios polpudos que,

sob o disfarce do rouge, tentam uma expressão de coragem.

— Tu não estás bem, minha querida, — disse-lhe Grace, levantando o rostinho de Elsie e observando-lhe os olhos.

A moça retribuiu o olhar com animo, mas duas grandes lagrimas lhe boiaram nos olhos, e desceram depois, lentamente, pelas faces.

— Não, não é isso, — tartamudeou. — E'... é Frank!...

Grace fez ouvir o cascalhar de uma risada argentina:

— Ah, é então isso? — disse. — Ora ainda bem! Antes assim: trata-se apenas de um homem, e todos elles são iguaes! Mas esse exemplar teu, o que é que elle te fez? Anda a mortificar-te outra vez?

Elsie buscou encontrar no rosto de Grace o clarão de sympathia de que tinha mistér e que não lhe notara na voz. Como podia Grace ser assim, insensível?

— Não, não é melhor: é muito peor! — disse Elsie com um tom tragico em sua voz—Frank já não gosta de mim! Eu sei... eu sei que elle já não gosta de mim!

Grace tornou a rir.

— Tolices, creança. Elle provavelmente gosta tanto de ti hoje como sempre gostou. Tu chama a isso amor, não é? Quando porém chegares á minha idade, has de ver que amor é cousa que não existe. E' uma illusão da mocidade, meu coração, e nada mais! Vamos, coragem! Que differença pôde fazer na tua vida um homem a mais ou a menos? A carreira que tu estás fazendo no corpo de côros permite augurar-te Broadway e as luzes da ribalta, dentro de mais um anno. Que

mais queres? Manda bugiar o teu Frank! Não te hão de faltar muitos homens como elle!...

Elsie nada disse. Com dezenove annos somente, separada havia apenas seis mezes do seu lar, da mãezinha que a habituara a crer na santidade do amor — um homem, um só, para cada mulher — sentia negras, muito negras, as primeiras tragedias da sua vida.

— Sei bem que tu não acreditas no amor, Grace, mas eu é que não sei ser como tu! Nem aos cem annos, se lá chegar, terei essas idéas! E o amor deve existir de facto, senão eu não poderia sentir o que sinto por Frank! Não posso tolerar a idéa de que elle não faz mais caso de mim, de que o não verei mais todos os dias, de que sou eu a sua adorada! Prefiro morrer, — juro-te!

— Bem, chega de tristezas, Elsie! — disse Grace com um accentto cruel na voz. Era preciso varrer estas idéas tolas da cabeça da pequena.

— Já vou, — disse Grace, a despedir-se. — Elliot está á minha espera: elle conta hoje com a visita de uma meia dúzia de beocios que lhe vão trazer o *arame*, e esta tua criada tem que lá estar para representar o papel de isca. Que tal te parece esta "toilette" nova? Linda, não achas?

Assim facilmente descambava para o vernaculo da gente da sua especie, aquella linda mulher sem escrupulos, aquella formosa dama, sumptuosa de fôrmas e de vestes, mas que vivia para além da orbita da sociedade honesta, — bem na divisa da legitima e illegitima caça á fortuna. Em poucas palavras, Grace Merrill era socia de Harry Elliot e co-directora da casa de jogo que elle explorava.

— E' lindo, lindo esse vestido! — fez Elsie com forçado enthusiasmo. — Harry Elliot, quando te vir com elle, ainda mais bem te ha de querer!

Depressa afogara a menina as suas tristezas na alegria alheia!

— Ora boas! Ah! vens tu outra vez com a tua cantiga do amor!... Elliot crê tanto em amor como eu. Conosco tudo é negocio, e nada mais! Adeus. Boas noites, querida! — disse num tom affavel, lançando os seus braços em volta do corpinho de Elsie.



As confidencias...

(Termina no fim da revista)



Voltando aos bons sentimentos...



O amor volúvel



A casa transformada

Dentista por capricho

"Fräulein Zahnarzt"

Comédia em 5 partes — Produção da Ufa, de Berlim — 1921-1922 — Direcção scenica de Joe May

DISTRIBUIÇÃO

Ole Larsen W. Diegelmann.
Sua filha, Frou MIA MAY.
Frou MIA MAY.
Kay Roland, seu noivo Charles Will y Kayser.

Raros são os casos em que a emancipação da mulher tenha levado a felicidade para um casal de corações amantes, e a prova mais concluyente pôde ser obtida nesta encantadora comédia, em que elle, o noivo de uma linda rapariga, com uma calma de santo supporta a mania de sua noiva, de querer ser dentista de no que der.

Ole Larsen, um rico industrial, educa sua filha Frou Frou, com toda liberdade, e ella resolveu em má hora estudar a profissão de dentista, por amor á arte e para tortura de seus clientes.

Nas horas vagas, como quasi todas as mulheres americanizadas, ella exerce a profissão de noiva de um rico director de uma fabrica de leite condensado, chamado Kay Roland, que tem um irmão, um mono que nada faz e que se dá ao sport de ser moço bonito.

Mal a familia está reunida em agradável palestra, Frou Frou abandona todos e retira-se para seu gabinete, allegando que seus clientes estão chegando e que ella não os pode deixar esperar eternamente.

Na sala permanecem seu pae e seu noivo, em agradável palestra, lamentando-se o pae com o procedimento da sua filha, e diz então, para seu futuro genro: "Quanto mais cedo for o casamento, tanto melhor para mim, porque eu não supporto mais esta pequena com este capricho de querer ser dentista a todo panno e uma vez ella casada não me cacetea mais."

O noivo, depois de reflectir um pouco, responde: "Não se impressione, meu querido sogro, Isto passa, uma vez ella casada e dehaixo das minhas ordens, eu acabo com este negocio de dentista em tres tempos."

O irmão de Kay, no entanto, pareceo também estar enamorado de sua futura cunhada e procura, assim, por todos os meios se approximar della e não encontrando outra sahida, vae ao seu gabinete dentario, afim de mandar examinar a sua dentadura e ahí Frou Frou lhe diz: "E' pena, Henrique, que a tua educação não

tenha sido tão boa, como são os teus dentes".

Facil é calcular o desapontamento do rapazola, mas elle se conforma com o que lhe sobra do seu amor.

Dias depois desta primeira scena e passada a hora da consulta, Frou Frou em companhia de seu noivo e seu pae resolve ir ao theatro assistir a uma nova peça, que o autor intitulou "O esposo de uma mulher com profissão".

Não podia vir mais a calhar para o estado em que se encontravam os animos na casa de Frou Frou, do que aquillo que o autor da peça escrevera para de uma vez para sempre descarrilar o carro familiar.

Numa das scenas mais interessantes, Kay diz meio sério, meio a rir: "Isto é o que se pôde chamar um espelho para que eu possa ver o que me espera".

Isto bastou para que Frou Frou desesperasse e abandonasse o theatro só e, jurando que abandonava tudo para ir tratar da vida sózinha, e que havia de quebrar a castanha do seu noivo, mostrando-lhe que também sózinha ella podia ganhar a vida.



Um cliente...



Na exercicio da profissão



Pruridos de emancipação



A iniciação da profissional

Ao chegar á casa, ella chama o seu fiel criado e as suas criadas e manda apromptar as suas malas e escreve, antes de abandonar a casa paterna, o seguinte bilhete:

"Eu não admitto que vocês menosprezem a minha profissão e por isto eu vou embora e levo commigo unicamente o que me pertence, inclusive os cavallos e carro. Sómente quando vocês estiverem convencidos de que eu posso viver á minha custa, é que eu poderei perdoar e até lá não quero ver o Kay."

Ao receber o velho pae a carta, fica perplexo e o noivo que também recebe o bilhete para leitura lhe diz:

"Durante vinte e quatro annos você educou a sua filha e ahí tem para que ella serviu. Agora quem vae educar-a sou eu e ella terá que fazer o que eu quero e se não estiver de accordo, procura um outro marido para ella."

Frou Frou, que encontrara um magnifico gabinete, installou-se bem, mas debalde ella esperava pela clientella.

Ninguém sabia em casa de Frou Frou, onde ella se installara, mas Henrique, fora pesquisar e certo dia conseguiu descobrir o seu paradeiro e apressou-se em communicar-o ao velho. Este, naturalmente, pediu-lhe para visitá-la, consentindo a moça nisso com a recommendação de que não dissesse nada a Kay.

Este pedido apenas confirmava o amor do pae pela filha.

Henrique, vae de facto ao gabinete de Frou Frou, e ao tocar a campainha, um rasgo de alegria corre pela cara do seu fiel criado, que se apressa em ir abrir a porta e quando elle depara com o rapazola diz: "Quando ouvi tocar a campainha pensava que era gente, mas no entanto não é ninguém".

Kay que também já está um pouco nervoso pela ausencia da noiva cujo paradeiro certo elle não sabe, declara ao seu sogro que não a vae procurar, pois a sua ida ao gabinete seria fatalmente contraproducente, pois que assim daria o braço a torcer e pelo que julga, ella tem que voltar sózinha uma vez acabado o dinheiro.

O irmão de Kay, no entanto, vae a uma casa de comissões onde ha um sujeito chamado Flechter e encarrega este de procurar pessoas necessitadas de tratamento dentario. A encommenda é aceita, e o preço de cada um é feito, recebendo naturalmente o commissario uma grande comissão e pagando cada cliente o necessario ou melhor o menos possível á joven dentista.

Agora vem o verdadeiro caso comico.

(Termina no fim da revista)



Saberei ganhar minha vida

A TAÇA MÁGICA

(THE MAGIC CUP)

Film Realart — Produção de 1921

DISTRIBUIÇÃO

Mary Mo'ley	CONSTANCE MINNEY
Bob Norton	Vincent Coleman
Mrs. Nolan	Blanche Craig
Abe Timberg	William Strauss
Peter Venner	Charles Moussett
O patrielo	J. H. Gilmour
Parte Parsons	Malcolm Bradby

— Peixe! — fez Bob Norton, com repulsa, quando, ao abrir a porta do hotel a que chamava sua casa, lhe agrediu o nariz o cheiro especial que enchia o ambiente do vestibulo.

Era o hotel uma dessas casas desleigantes que dão frente para diversas ruas, ainda menos elegantes, das vizinhanças de Washington Square.

E Bob suspirou, desgostado. Peixe para o jantar! Era o perigoso remate de um dia de azar como esse tivera! Para não falar senão em duas das calamidades que haviam desabado sobre elle: a pequena que deixara na aldeia natal escrevera-lhe a communicar-lhe que acceitara a proposta de casamento de outro camarada qualquer. Contristado, revoltado, descurara-se do seu serviço, e, em consequencia, o jornal que mais fazia guerra ao seu, dera-lhe um "tiro" deste tamanho, que lhe tinha acarretado uma descompostura em dois volumes, por parte do seu redactor-chefe.

E estava trabalhando na imprensa de Nova York, pela primeira vez, e era o novico do serviço de reportagem da folha. Essas circumstancias ja muitas vezes tinham militado em seu favor. Desta vez, porém... Diabo de azar!...

Desenado, tomou o seu lugar á mesa onde havia só um occupante mais, — um velhote surdo como tres portas, que por iniciativa propria, já de ha muito desistira de qualquer tentativa de conversação com os outros hospedes. Bob acenou-lhe com a cabeça um cumprimento, e franziu a testa para o prato que tinha defronte de si.

— Quer servir-se de um pouco de peixe? — disse uma voz junto ao seu hombro. — Havia ali um pedaço de carne fria, mas já acabou...

Bob levantou os olhos para a copeirinha do hotel. Ao menos aquella, quando tudo mais falhava, sempre lhe dava um sorriso! Ho e, porém, observava, aquelles olhos, de um esverdeado irlandez, estavam avermelhados de lagrimas e pesados de outras lagrimas por despejar. A rapariga com ervava-se de olhos baixos e enrodilhava, desageitadamente, a ponta do avental.

— Um pouco de peixe? — perguntou de novo. E Bob não teve coragem de oppor uma recusa áquelle offerecimento.

— Mary, — disse baixo, aproveitando o momento em que ella o servia. — Tiveste algum de-gosto?

Mas Mary abanou que não com a cabeça e foi tratar do surdo, que lhe reclamava a attenção. Bob comeu o peixe, tão consolado como comeria a carne fria de que tivera tão só a noticia. Quando, porém, Mary lhe trouxe o pudim, animou-se outra vez a falar-lhe:

— Dás-me uma palavra depois do jantar, Mary?

E como ella hesitasse: — Por misericórdia, não digas não. Estou hoje triste como um cypreste!...

A copeirinha esboçou um vago signal que Bob traduziu por um assentimento, e pareceu um pouco mais animada, depois disso.

Terminado o jantar, Bob ficou a brincar por algum tempo com o seu copo d'agua e prolongou depois o café, servendo-o aos poucos, até se retirar o ultimo hospede e Mary ter acabado de tirar a louça. Depois, dirigindo-se para junto del'a:

— Que é que te aconteceu hoje? A cozinheira bateu-te, ou foi outra coisa?



Em casa de Abe



Preparativos



A taça magica

A pergunta feita a rir, despertou uma repriminação da rapariga:

— Não diga isso! A cozinheira, ao contrario, é muito boazinha, e eu quero-lhe muito bem.

— Mas então, quem foi que te aborreceu?

— E eu já lhe disse que alguém me aborreceu, senhor Bob Norton? Eu não disse...

— Nem precisavas dizer. Vamos! Vem contar ao velho amigo Bob quem foi que te offendeu.

— O senhor sabe que dia é hoje? — perguntou Mary.

— Sei muito bem: é sexta-feira! — respondeu Bob, sem poder atinar que re-

lação tivesse isso com o assumpto.

— Não, não era isso que eu queria dizer. Referia-me ao mez. Sabe em que mez estamos?

— Por certo: em abril...

— E não sentiu hoje uma sensação nova no ar? Talvez não sentisse, occupado como andou... Além disso, o senhor nunca esteve no Condado de Wicklow, pela primavera. Nunca cheirou a brisa, que varre o Daugle, carregada do perfume dos feios doces... Eu sim, reconheceria, entre mil, esse perfume... E sinto-me triste quando me lembro de que agora é a primavera na minha terra... E choro porque tenho saudades, e não posso vê-la!

Apanhou depressa a ponta do avental para enxugar as lagrimas que lhe affluíam aos olhos.

— Vamos, vamos! — disse-lhe Bob, conculando-a atrapalhadamente, com palmadinhas no hombro. — Isso é que não jõe ser! Se te pões triste assim, ainda me fazes mais triste! Olha: saíes que mais? Vamos por ahi, fazer uma "farra" e assim esqueceremos as nossas tristezas!

— Mas isso de "farra" é coisa direita?

— perguntou Mary. — E' coisa que anda voando pelo ar?

E Bob explicou-lhe a rir:

— Uma "farra" é ir passear por ahi, pela aldeia e divertir-se, e comer coisas boas. Vem, que te faz bem; e distrahim-nos, esqueceremos os dois as nossas tristezas.

— E estes pratos? quem é que m'os lava? Depois, será já tarde!

— Não faz mal! Para uma "farra", quanto mais tarde melhor! Vamos: despacha-te, e vai ter commigo, daqui a uma hora, á porta do lado. Estarei á tua espera.

— Que lindo está isto por aqui! — disse Mary, quando os dois penetraram uma hora depois, na pequena casa de chá, da Aldeia, com os seus stores cambiantes, e se sentaram a uma mesa para dois. — Como foi que elles adivinharam?... — Adivinharam o que?

— Que hoje é o dia dos meus annos!

— O dia dos teus annos?

— Por certo: não vê as velas accesas por toda parte? Pois não é nos dias de annos que se accendem as velas assim!

— Está bonito, com effeito! Bem que eu sentia em mim um appetite de dia de annos!...

A noite foi esplendida, e Bob, com grande magua, a via approximar-se do seu termo.

— Vamos passear ainda um pouco, por ahi? — suggeriu. E Mary concordou. Timidamente, enfiou-lhe a mão pelo braço, e assim foram seu caminho, através as ruas tranquillias, buscando uma volta mais longa para o regresso a casa.

— Que é aquillo? — disse Mary, de repente, ao dar com os olhos numa massa negra, immovel, que apparecia á sombra de um portal. Bob examinou de mais perto, e informou:

— E' gente a quem botaram para fóra de cara!

Na penumbra destacava-se de facto o aspecto de diversas peças de mobilia. Não tardou que o rumor de uma respiração pesada chegasse aos ouvidos de Mary.

— Pobres creaturinhas! — exclamou. — Com certeza, não têm logar nenhum, a que se recolham! De mais a mais, creanças!... Quem sabe se nós, podíamos fazer alguma cousa por essa pobre gente!...

Bob riu e sacudiu no bolso meia dúzia de moedas.

— De boa vontade o faria, mas estou quasi "prompto", e não creio que tu tenhas muito mais do que eu...

— Eu?! Coitada de mim! Pobre como um rato de igreja! Mas...

A sua voz animou-se sob o efeito de uma súbita inspiração:

— Mas tenho a taça mágica. Amanhã de manhã, levo-a a Ale Timberg, e e, pelo apurar ao menos o preciso para pagar o aluguel da casa destes desgraçadinhos!

— Mas, que taça mágica é essa? Conta-me...

— Ah, meu amigo, não ha nada melhor do que possuir uma taça mágica, de prata reluzente, como a que eu tenho! Foi de minha mãe, e antes della, da mãe de minha mãe. Ao que re-a a lenda, foram as fadas que a fizeram e abençoaram, dando-a depois de presente a um rei, a quem minha mãe teve por um dos seus antepassados. É uma taça prodigiosa, que dá felicidade, e riqueza, e amor — dizem também — a todos os que a possuem. É uma coisa preciosa, mas cujos poderes, infelizmente, não se exercem em meu favor...

— E vae vender uma coisa impreçável como essa, só para auxiliar aquelles desgraçados! Ah! não, não! nunca consentirei em tal!

— E quem lhe disse que eu ia vender coisa alguma? Conhece Ale Timberg, aquêle que tem as tres bolas de ouro á porta da loja? Pois a taça mágica já tantas vezes tem estado depositada em mãos delle, que algum dia elle e capaz de querer chamar-lhe sua!...

No dia seguinte, ao jantar, Mary contou baixinho a Bob que a família dos pobres já estava de novo em casa, e que ella arranjara um emprego para o pae das criancinhas.

Uma semana depois, quando Mary foi receber as instrucções de Bob para o jantar, os seus olhos brilhavam como estrelas do céu. E, com a expressão de um extasi secreto, segredou-lhe ao ouvido:

— Sabe? A taça mágica, finalmente, exerceu em meu favor os seus poderes! Demorei-se um pouco depois do jantar, e contar-lhe-ei tudo.

Quando os dois ficaram sós, Mary metteu-lhe um jornal nas mãos, e apontando a columna das informações pessoais disse-lhe:

— Leia!

E em meio do contentamento de Mary, que dansava na sala como uma louca, Bob leu:

"Pede-se a qualquer pessoa, conhecida ou não, do paradeiro de Mary Molley, natural do Condado de Wicklow, Irlanda, que se ponha em immediata communicação com Lord Fitzroy. Assumpto importante e urgente."

— Não comprehende?—perguntou Mary — É meu avô que me procura. Essa Mary Molley, natural do Condado de Wicklow, de que fala o jornal, é esta sua criada.

— Vamos devagar com isto — aconselhou Bob. — Não me parece que isto esteja muito direito. Quem foi que lhe deu este jornal?

— Ora qual! — disse ella a rir. — Está perfeitamente direito. Foi o proprio Ale Timberg quem trouxe o jornal e também a taça mágica que o meu avô me mandára, como prova de que estava tudo do direito. Amanhã e'le proprio me virá visitar. Havia um senhor muito respeitavel na loja de Ale Timberg, naquelle dia em que eu lá fui. Quando me viu com a taça disse:

— Linda taça que a senhora tem ali! Dê-me licença de a ver?

Eu contei-lhe, então, que aquella taça tinha sido feita pelas fadas e foi elle quem me contou que meu avô, a quem muito conhecia, andava á minha procura. O meu avô, disse-me o sr. Timberg, é um homem muito rico, tanto assim que immediatamente comprou uma esplendida residencia em Long Island, onde com certeza ha de querer que eu vá viver, para ter na velhice o conforto da minha companhia. Será possivel que um homem assim tenha sido tão cruel sr. Norton?

— Como, tão cruel? Não percebo o que tu estás dizendo...

— Cruel, sim. Pois não expulsou elle de casa o meu formoso pae, por se ter casado com a filha de um vigário? Minha mãe era moça e bonita, mas o avô não



A "farra" do reporter



O reconhecimento dos meliantes



...estendem os seus braços brancos

queria saber della, nem por nada! Ter-lhe-ia cabido o titulo de Lord Fitzroy, mas papae foi para o mar e no mar morreu, como um herói. Minha mãe pouco depois morreu de de gosto. Então, foi ou não foi cruel o meu avô? Isto de agora não será um reflexo do seu arrependimento por todos os males que antes causou?

Bob garantiu-lhe que com certeza era sincera essa mudança de animo do avô. E acerescentou:

— Mas olha! não o deixes sahir de casa amanhã até eu voltar. Desejo muito conhecê-lo.

Ao jantar, no dia seguinte, foi uma radiante Mary que penetrou na sala, de vestido novo, pelo braço de um distinto an-

cião, a quem apresentou a Bob como seu avô. Os dois se sentaram á pequenina mesa, em companhia de Bob e do velhote surdo, e Mary, com encantadores admanes, deu as instrucções para o jantar á nova copeira que lhe succedera.

— Depressa nos vae deixar, hein, Mary? — perguntou-lhe Bob, quando terminada a refeição.

— Amanhã sigo com armas e bagagens para Long Island, onde vou viver em companhia de meu avô. Bem cedo, não é verdade, vovô?

O ancião fez que sim com a cabeça. Pouco falara durante o jantar, mas Bob observara que a sua linguagem não se parecia nada com a algaravia irlandeza, de que era abundante o falar de Mary. E mais de uma vez Bob reflectiu de si para si:

— Póde ser que seja um lord de verdade, mas tenho cá as minhas duvidas!...

— Não deixe de nos ir visitar o mais depressa que puder, — disse Mary para Bob, estendendo-lhe a mão, ao despedir-se.

— Sim. Espero bem que lá porque agora te transfo-maste numa dama de alto coturno, não te vás esquecer de um pobre trabalhador como eu! Quanto a visitar-te, pode e tar descansada que não ha de demorar muito!

— Sabe, chefe? — disse Bob ao seu redactor-chefe no dia seguinte — Creio que estou no rastro de uma coisinha sensacional. Ah! vae em quatro palavras: uma pobre copeirinha irlandeza vê uma noticia de que seu avô, um lord, está á sua procura. Responde. Elle vem: riqueza, oulencia, casa em Long Island. E a copeirinha passa a herdeira de revent! Não lhe parece que é um caso sensacional?

— Qual! O que isso me parece é tudo quanto ha de mais corriqueiro!

— O que?

— Por certo! Onde está o sensacional em tudo isso? Tão sensacional como qualquer noticia de um conto do vigário!...

— Mas e' pere lá, chefe: supponha que o avô é tão lord como o senhor e eu?! Ah! é que está o interesse da noticia! O senhor já viu algum lord irlandez com a pronuncia de um carroceiro de Nova York? Para mim, elle e a ilha de Esmeralda nunca se avistaram!...O certo, porém, é que elle "tapeou" a pequena directo!... Sabe o que eu queria: é que o senhor me desse licença de expedir um ou dois telegrammas e fazer por minha conta um pouco de trabalho de reporter. O senhor comprehende, eu quero fazer figura, e se não aproveitar esta occasião, estou frito!

— Pois faze lá o que quizeres, rapaz! disse o redactor-chefe, levando em conta o que significa ser o reporter-benjamin num jornal da metropole.

Foi com grande satisfação que, no sabado á tarde, Bob tomou o seu lugar no trem de Long Island e, puxando do seu canbinho, nel'e apontou mais duas ou tres informações colhidas e que deviam constituir elementos de valor na sua futura noticia. E foi ainda com o seu olho de reporter que elle observou tudo quanto Mary lhe mostrou com tão evidente satisfação no correr da sua visita ao immenso palacio e aos terrenos que circundavam a propriedade de Lord Fitzroy.

— E sentes-te feliz Mary? — perguntou quando os dois regressaram ao alpendre da casa, á hora do chá.

— Felicissima. Meu avô é muito bom para mim e dá-me montes de dinheiro para eu gastar. Esta semana tive de hospedar aqui dez criancinhas pobres que mandei vir da cidade. Lembra-se daquelle gente pobre que encontramos naquella noite? Pois bem, os tres pequeninos vêm amanhã. Vovô não tem com essas visitas a mesma satis-

fação que eu, mas concorda em atenção a mim.

O crepúsculo do verão calhou lentamente, e tudo foi envolvendo brandamente numa nevoa de flagrante mysterio. Enquanto Mary penetrou na residencia para accender as velas, Bob ficou no alpendre a contemplar a sahida das estrellas, em companhia de um saboroso cigarro.

De repente ouviu vozes de homens, vindas da sebe, que separava o alpendre da entrada lateral da casa.

— Que quer o senhor aqui? — Perguntava Venner, o copeiro.

— Eu sou pae dessa moça — respondeu a outra voz. Bob aproximou-se mais na direcção das vozes. — Sou pae de Mary Molley, essa moça que mora aqui. Foi um máo pae, é verdade, mas estou dizendo a pura verdade, e acho que é tempo de alguém velar pela honra dessa pobre rapariga. De resto, previno-o que se você ou esse falso Lord Fitzroy que está lá dentro, tentarem qualquer violencia contra a minha pequena, mal lhes ha de sair!

— Saia daqui! Vá contar essas mentiras a outra porta! Quem é que pode acreditar nessas lorotas? Pois não é a propria moça quem diz que seu pae morreu no mar? Vá, vá-se embora antes que eu o toque daqui a ponta-pés!

E lá talvez levantar-se a voz fraca do desconhecido, quando a voz de Mary soou aos ouvidos de Bob:

— Mas, Venner: que é que você está fazendo? Expulsando uma pessoa que se apresenta á porta, depois de cair a noite? Parece incrível! Deixe sosegado o pobre homem!

— Mas não se trata de um mendigo, miss, este sujeito é capaz de nos fazer alguma se lhe dermos pousada. Lord Fitzroy não havia de gostar...

— Meu avô não é capaz de contrariar a minha vontade, n'uma cousa como esta. Entre, pobresinho, e eu mesmo lhe darei alguma cousa para comer. Quanto a você, Venner, melhor é que vá preparar a cama no quarto dos hospedes!

Essa noite, para Bob, foi como uma noite de sonhos. Como num sonho, de facto, percorreu as alicas da residencia, com o braço de Mary preso ao seu. De vez em quando, reflectia, porém, na nova pista que tão inesperadamente lhe apparecera e que tão bem se ajustava aos elementos de que elle já estava senhor para a elucidação do caso.

Foi tambem nessa noite, que elle conheceu Mary, de verdade. Sob a influencia daquelle lindo ambiente que a rodeava, florescera como uma flor feérica. Nessa noite, com a mãosinha pousada no seu braço e as suas palavras a cahirem-lhe nos ouvidos como uma musica celestial, a joven irlandeza apparecia-lhe como a mais extraordinaria de todas as maravilhas que lhe poderia proporcionar a sua empolgante aventura. Sentia agora, que a amava, mas sentia tambem que não lhe poderia confessar o seu amor sem ter triumphado no esclarecimento do mysterio que promettera desvendar.

Nas duas semanas seguintes, trabalhou heroicamente, fornecendo ao jornal a sua contribuição habitual, e consagrando todos os seus momentos de lazer a esmiuçar detalhes, a seguir novos indícios. Raras vezes viu Mary no correr desses dias, e sempre por pouco tempo.

Quinze dias depois, numa manhã, de sabado, encostou ao trapiche o vapor que havia trazido da Irlanda o authentic Lord Fitzroy, em resposta ao telegramma que lhe enviara o jornal de Bob, sob a assinatura do seu redactor-chefe.

Na mesma manhã, recebeu Bob um telefonema de Mary, pedindo-lhe que viesse á tarde. Uma das crianças que estavam

com ella tinha adoecido repentinamente e continuava em estado grave, a despeito de tudo quanto os medicos haviam tentado.

— A pobrezinha é orphã — dissera Mary — e o medico é de parecer que hoje ainda se produzirá uma nova crise. Sentir-me-ei mais animada se o sr. estiver aqui, Bob Norton. Não deixe de vir sim?

Bob annuiu ao pedido, e com elle seguiu Lord Fitzroy que se informou attentamente do plano sinistro tramado contra Mary, mas sem que Bob nada lhe dissesse a respeito do individuo que allegava ser seu filho e pae de Mary.

Quando alcançaram a pequena estação de desembarque, elle e Bob puzeram-se á procura de um taxi. Como, porém, nenhum



Tomando notas...



Soccorrendo os malaventurados...



O verdadeiro avô

apparecesse, começaram os dois a passear pela plataforma. Em volta, não havia viva alma. De repente, a attenção dos dois homens foi attrahida por um individuo que sahira a correr da sala dos fumantes, com uma mala negra numa das mãos e o chapéu na outra. Olhou para um lado e outro, á procura de um taxi, e correu degois para a hilteteria:

— Acabo de ser roubado — disse para o vendedor. — Não, não foi aqui. Foi ali. — disse esboçando com o gesto uma vaga direcção. — Substituíram-me um collar de perolas verdadeiras, por um collar de perolas de imitação! Deus tenha compaixão de mim! Estou arruinado.

— Venha cá! — disse Bob, correndo para o desconhecido. — Conte-me isso a mim, que sou reporter!

E o pobre homem contou pormenorizadamente a sua desgraça, referindo que fora mandado por um joalheiro da Quinta Avenida á residencia, em Long Island, de Lord Fitzroy, que desejava escolher um collar de perolas para sua neto. E concluiu:

— Uma quadrilha de ladrões! Não me compraram nada, e ainda me roubaram o mais valioso de todos os collares de perolas que eu trouxe!

— Espere-me aqui — disse-lhe Bob. — Vou telephonar chamando a policia. Depois, tomaremos um taxi e iremos todos á residencia do lord. O meu amigo e eu fomos justamente naquella mesma direcção. E não se afflija, que havemos de encontrar o collar!

A policia acudiu em breve e os cinco homens metteram-se num taxi.

— E' melhor que me deixem ir sózinho — propoz Bob.

Venner, que lhe appareceu ao chegar disse a Bob:

— Estão o esperando.

E logo o copeiro o conduziu ao aposento onde estava a criancinha doente. Em volta do leito, Mary, seu avô com dois amigos, sendo um delles Abe Timberg. O medico acompanhava cada movimento de respiração da criança.

Mary levantou-se, e sorrindo tristemente a Bob, entregou-lhe as duas mãos:

— Está melhorsinha — disse — mas ainda bem que o senhor veio.

— Saia cá fóra ao "hall": tenho que falar contigo sobre assumpto importante — respondeu-lhe Bob.

E os olhos da menina dilataram-se, ao sair com elle, docilmente.

— Este senhor é Lord Fitzroy, teu verdadeiro avô, Mary Molley — disse Bob indicando-lhe um ancião de alta estatura que se achava no "hall".

— E' mentira... O senhor está com certeza brincando... Meu avô está ali dentro!

— E's bem parecida com teu pae, Mary Molley — disse o velho, contemplando longamente a menina.

— Não, minha cara Mary: esse homem que está ali dentro é um impostor. Está-se servindo de ti á guiza de isca. Lord Fitzroy, chegou hoje mesmo da Irlanda, e fácil nos será provar que o teu avô é elle — explicou Bob.

E Mary aproximou-se mais do ancião, a observar-lhe o rosto.

— Effectivamente, ha na sua physionomia um "que" de parecido com o semblante que figura no medalhão que meu pae deixou. E o senhor é de facto cruel, ou é bondoso?

Perpassou nos olhos do sexagenario uma expressão de pesar:

— Sim, fui cruel Mary Molley, diabolicamente cruel, mas agora só desejo ser bom!

Houve um rumor á porta e appareceram os dois policiaes, o falso lord algemado por um, e Abe Timberg pelo outro. Atraz delles vinha o joalheiro roubado.

— Foram elles os ladrões que me roubaram — exclamava e indicando Mary — e aquella foi a terceira pessoa que figurou no roubo. Tratem de algemal-a tambem.

Bob e Fitzroy protestaram, mas sem resultado.

— E' o nosso dever, senhor — disse o policial, e Mary estendeu os seus braços brancos para que os prendessem nas algemas.

As attensões de todos foram então attrahidas para a porta da frente, e nessa occasião um terrivel espectaculo se lhes deparou.

O ÚLTIMO ENCONTRO

(FIM)

A vida proseguia sem alterações na pequenina casa que habitava o casal. Todas as manhãs, todas as noites, Maria Cecilia offerecia os lábios aos beijos do marido, tres vezes por dia preparava as refeições que os dois ingeriam, quasi em silencio. E Cecilinha, a pequenita, corria daqui para ali, alegre e turbulenta, sem idéa do abysmo que separava seu pae e sua mãe.

Depois, um dia á tarde, appareceu na pequenina casa um homem que abriu o portão com as mãos tremulas, lançando o olhar em volta, como se temesse ser visto. Maria Cecilia distinguia nelle um dos trabalhadores da fabrica e foi ao seu encontro. Elle recebeu-a com uma expressão tragica na voz, e o coração da moça logo se povoou, á sua vista, de uma infinita angustia.

— Que foi? — perguntou. E como elle parecesse procurar laboriosamente as palavras, intinou-o com aspereza: — Vamos, depressa! Diga o que foi...

— John... John... gravemente ferido! — conseguiu o operario dizer.

— John?

— Sim... John morreu!

— Morto? John morreu?

Maria Cecilia surprehendeu-se á formular a pergunta com uma calma singular. E, ao mesmo tempo que pronunciava as palavras, uma phrase lhe pairava no pensamento: "Até que a Morte vos repare... que a Morte vos separe!"

Trouxeram-n'o para casa e não deixaram que Maria Cecilia o visse, pois o desastre occorrido mal consentia reconhecê-lo. E ella não sentiu pesar ao vê-lo partir, —

cioso estremecimento, á idéa da liberdade que obtivera.

— Agora, que fazer dessa liberdade? — perguntava a si mesma. E Christopher Worth deu-lhe a resposta, quando, mais tarde, veio apresentar-lhe os seus votos de sympathia e condolencia.

Com as mãos apertadas nas delle, com olhos que já não tremiam ante o seu olhar, ella deixou que o seu espirito se rendesse ao amor de Worth, sem idéa de que houvesse nisso deslealdade alguma para com o homem que, ha tão pouco, fora seu marido.

Em attenção ás convenções, esperaram algum tempo para se casar, e os mezes de então foram os mais doces que jámais Maria Cecilia conheceu. Nos dias que decorreram ella veio a reconhecer que bello homem, que homem leal era aquelle, e quanto elle auciava pelo seu amor, e como elle enfrentava, com serenidade e firmeza, a partida quotidiana da vida.

— Onde pastaremos a nossa lua de mel, querida? — perguntou-lhe um dia, e Maria Cecilia, lembrando-se de como eram azues os céus da Italia, de como o sol ali se fazia meigo, ao beijar lagos e montes, logo respondeu:

— Na Italia, onde pastei a minha meninice. Quero que vejas que terra linda é aquella!

Os dois sentavam-se á mesa com a pequenina, e Worth, ao mesmo tempo que, carinhosamente, segurava uma das mãos de Cecilia, enlaçava com o outro braço a figura da filhinha de John.

— Ella partilhará connosco das alegrias da Italia! — dizia enternecido, e não havia senão amor nos olhos com que elle falava á futura esposa.

Vieram depois dias gloriosos num pa-

nos encantos do mar, e por fim, apenas esboçado, o contorno da costa da Hespanha. Mais tarde franqueou-se-lhes o azul forte do Mediterraneo, trazendo ao peito, como uma joia, a esplendorosa Italia — e tudo isto eram emoções que enchiam a transbordar a taça de jubilo da esposa apaixonada!

Deram a cada dia o seu quinhão de belleza e de ventura, visitando os verdadeiros thesouros da Italia, como nenhum touriste mellos a poderia visitar. As boas irmãs do convento receberam de braços abertos a pequenina Maria Cecilia de outros tempos, e se congratularam pela sua felicidade, aconselhando-a:

— Esquece as horas de dôr, querida: recorda-te somente das horas de sol!

Correram semanas, e fosse em longos passeios através de velhos jardins, fosse cruzando os lagos de Veneza, escalando montanhas cobertas de neve, ou contemplando a luz a subir no firmamento, como um disco de ouro, por traz das oliveiras mortas, Worth foi o mesmo ideal amante de sempre.

Alto, bem alto na montanha, encravado entre vinhedos, isolado do mundo por paredes immensas, encontraram um mosteiro trappista. Ali cumpriam velhos frades a sua vigília, em eterno silencio. Ali os homens que haviam achado por demais pesados os cuidados da vida, que desejavam esquecer ou ser esquecidos, encontravam refugio junto de homens santos e recebiam tecto e pão, em troca dos seus serviços. Uma atmosfera de paz e celestial quietude permeava tudo.

— Desejam percorrer as nossas galerias? — perguntou-lhes um monge bondoso. E, como acceitassem, chamou um irmão leigo para que os acompanhasse.

— As nossas catacumbas são varias ve-

ossos de alguns dos primeiros christãos. São visíveis ainda pinturas e inscrições admiráveis, que o nosso bom irmão lhes explicará.

Quando o guia se adiantou, a sua apparencia impressionou por igual os dois visitantes. Era de estatura alta, e dava indícios de que fôra extremamente forte na sua juventude. O crânio que lhe descia aos hombros constellava-se, porém, de fios de prata, e a barba espessa que lhe descia ao peito acabava de emprestar uma expressão de dignidade à sua physionomia.

Appareciam-lhe grandes manchas sobre os ossos das faces, e em torno dos olhos desenhavam-se círculos arroxeados, que proclamavam a vigília e o soffrimento. A mão que segurava o cajado tremia, como a de um paralytico, e a voz que a breve trecho se fez ouvir, grave e solenne, parecia denunciar um mal interno, caladamente soffrido no segredo da sua alma.

Elevou os olhos um instante para o rosto de Maria Cecilia e ella estremeceu e encostou-se mais a Christopher, como se presentisse um perigo cujo alcance não sabia bem avaliar.

— Sigam-me! — disse o monge e abriu caminho, descendo a escadaria de pedra, que ecoava lugubrememente, sob os passos dos tres. Através um labyrintho de corredores estreitos, em que pairava como que o perfume das éras passadas, foram seguindo o seu guia, e os cirios de cera que lhes allumiavam o caminho bruxoleavam sinistramente naquella mundo de treva e esquecimento. A resonancia provocada pela voz do guia acordava à distancia novos ecos que repercutiam, cavernosos, naquella mansão de mortos.

E proseguiram a ouvir historias de martyres e santos, de quando em quando alcançando as velas para lerem alguma in-

escorria a humidade, como se fossem as lagrimas do tempo! E pareceu a Maria Cecilia que se escoaram horas até o momento em que uma restea de luz, lobrigada ao longe, lhes denunciou estarem proximos ao fim da sua jornada.

De repente, o velho que os precedia deteve-se, levou a mão à fronte, deixando cahir o cajado ruidosamente sobre o chão de pedra. Voltou-se para olhar para elles e exclamou em voz indistincta:

— Sinto-me mal!

Christopher correu para junto delle, e o monje, fitando os seus olhos tristes em Maria Cecilia, perguntou:

— Não me reconheces?

A pobrezinha reteve de chofre a respiração, e attentando-lhe no rosto fixamente:

— Não... não conheço! — respondeu — Quem é o senhor?

— Sou John — o teu marido!

— Ah, não! John morreu! Não é verdade, Christopher? Elle está brincando, com certeza!

— O homem que enterraste não era eu. O que morreu, vi-o eu cahir, esmagado por um vergalhão de ferro. Troquei de roupa com elle porque... porque sabia que tu querias ficar livre, e tu, só pela morte, podias ganhar a liberdade que querias! Vim para aqui, para esquecer, mas nunca me pude esquecer do teu amor! Agora, sim, agora serás livre para sempre, para poderes gosar a vida com elle! Pouco mais poderei viver; mas, antes de partir, quero abençoar-vos, a ambos! Que Deus te proteja, Maria Cecilia, e te dê a felicidade que mereces! Adeus!

Foi só! Antes que Maria Cecilia pudesse fazer um passo para junto delle, tomou como uma massa inerte sobre os degraus de pedra. Como sooradas por um

mente as tres velas. E Maria Cecilia viu-se a sós com o homem que amava.

Carinhosamente, Christopher carregou o corpo morto pela escadaria sem fim. E, ao vel-o, os bons frades, acenaram-lhe resignadamente:

— Elle não tinha muito tempo para estar connosco — disseram. Todos o sabiamos. Mas era um bom irmão, affectuoso e dedicado!

Cecilia, em lagrimas, retirou-se do mosteiro.

— Leva-me contigo, Christopher, — disse, depois que John fôra deixado em descanso, para sempre, mas tranquillamente da Italia.

E Christopher levou-a, então, para um lugar maravilhoso, onde as montanhas verdejantes vinham em suave declive de um céu azul para um lago mais azul, ainda, para um lugar onde as rocas cabeçavam às horas languorosas do meio dia, e instrumentos, doces como vozes de anjo, cantavam incessantemente as glorias do amor perfeito e infinito!

AMOR VERSUS PROFISSÃO

(FIM)

pontualidade do seu noivo, aproveitando o momento para satyrisar os homens com a seguinte phrase: "Os homens, não sei porque, têm sempre pressa em casar."

Agora, no portal da residencia do dr. Hill vêem-se duas placas:

"Dr. George Hill (advogado) — Dra. Lili Guyot Hill (advogada)".

O Nero e o Leão também fizeram boa amizade e a criada de d. Lili apaixonou-se pelo camareiro do dr. George.

Na primeira noite do casamento, á meia noite, Lili se lembra de que havia marcado uma audiencia para o dia immediato e

horas, apesar dos contínuos pedidos em contrario, do seu marido!

A noite se passa assim sem mais novidades e na manhã seguinte, quando o despertador deve dar o seu signal, o joven esposo acorda, pega do despertador e o colloca debaixo do travesseiro, afim de que o seu trinado não acorde Lili. De facto ella não ouve o despertador; mas, depois de dormirem ainda um pouco, ella encontra o despertador debaixo do travesseiro d'elle. Duas horas passaram-se no entanto e ella não ponde comparecer á audiencia e dali o juiz que esperou debalde pela defesa, pronunciar sentença favoravel á parte contraria, que era defendida pelo Maia.

Dias depois, um novo processo vem parar ás mãos de Lili. Este trata do cumprimento de uma promessa de casamento que certo cavalheiro fez a uma dama. Ella julga-se no direito de querer obrigar o seu infiel noivo a casar, mas este não pensa desta maneira e resolve procurar um advogado para defendel-o e cãe nas mãos de d. Lili, enquanto a sua ex-futura esposa procurou o esposo desta.

Excusado é dizer que d. Lili ganhou o processo e que isto levou a sérias complicações a harmonia do casal.

Quem pensava poder tirar mais uma vez proveito desta situação era o Maia. Elle offerece-lhe ramos e ramalhetes de flores, mas tudo é debalde, pois os dois, pouco depois do mal entendido, voltam a fazer as pazes.

Mal entrara, no entanto, esta harmonia no casal e já um novo processo os antepunha nas tribunas da defesa. (Sem resultado, George procura convencer sua esposa de abandonar a carreira que abraçara e ella então procura um pretexto para o divorcio e para tal convida o Maia que tem de servir de bode expiatorio).

O Maia, como é facil calcular, está immediatamente de accordo com o que Lili lhe propõe, pois pensa que esta fala sério; mas no entanto as cousas não são assim tão sérias que uma reconciliação não seja mais possivel.

Depois de arranjadas testemunhas occasionaes e de tudo preparado para que o processo de divorcio seja começado, já o Maia havia tomado logar num hotel para a tão esperada e almejada noite, quando ao chegarem os dois á porta do quarto d. Lili lhe diz: "Mas o senhor estava pensando de facto que eu queria enganar o meu marido?"

Isto teve a acção de uma bomba no pobre Maia. Debalde elle bate na porta sem no entanto receber resposta nem positiva nem negativa.

Elle, cansado de bater, resolve abandonar o posto e logo depois apparece o verdadeiro marido, cheio de arrependimento que é deixado entrar no commido pela sua querida esposa.

O Maia, no entanto, ganhou nova alma depois de ter tomado um pouco de fresco, e volta carregado com um balde e uma garrafa de champagne a bater na porta do quarto.

Repentinamente o quarto se abre e elle já se julga cheio de ventura quando uma voz que não lhe é estranha lhe diz: "Porque este incommodo, querido Maia!"

O infeliz Maia ficou attonito, como que petrificado, sem saber o que fazer e ao se dirigir ao hotelheiro para que este lhe arranjasse um commido para pernoitar, este lhe diz que não ha nenhum e elle tem que passar a noite ao relento, dentro das almofadas da sua cadeira.

Emquanto isto a encantadora Lili no quarto segreda ao seu queridinho: Eu agora estou resolta a não ser outra coiza senão sómente a tua mulherzinha, por-

que este negocio de ser advogada não é para mulheres."

E assim termina com esta magnifica sentença, para as mulheres que se que-rem a todo panno emancipar, esta magnifica comedia.

DENTISTA POR CAPRICHOFIM

Henrique não dispõe de meios para pagar toda a conta e recorre ao seu irmão, a quem pede dinheiro, allegando ser para pagar algumas dividas que fizera numa das suas noitadas. O irmão lhe fornece o dinheiro que este escoa por meio do commissario, para as mãos de Frou Frou, que assim sustenta o seu capricho e ao ir Kay á casa de seu sogro e conversando sobre Frou Frou, vem a saber que esta tem uma magnifica clientela.

Como é facil calcular, a noticia não lhe agradou, mas elle tambem quiz fazer o "detective" e poz-se de alcateia no portão da casa onde Frou Frou tem o seu gabinete. Ao ver entrar ali um docute, elle o chama de parte e lhe offerece determinada quantia para que vá a um outro dentista e este se recusa em aceitar, allegando não poder fazel-o, pois já estava contratado para naquella dia se apresentar a Frou Frou. Nada mais resta a Kay, do que dar providencias por outro lado e elle tambem vae a casa de commissões de Flechter, sem saber no entanto que o seu irmão ali arranjara os clientes. Quando está ali á espera de ser introduzido no gabinete do commissario, o seu irmão sãe e elle pegando-o pela gola do casaco, quando quer sahír despercebidamente vem a saber de tudo.

A conta de Flechter é encontrada, e Henrique não deixa de ter o seu justo castigo.

Kay, no entanto, quer agora forçar a sua noiva a voltar para casa e para isto encarrega Flechter de emprestar a Frou Frou, uma certa quantia, que ella lhe deverá restituir num determinado prazo e como sabe perfeitamente que ella não o poderá fazer, ordena-lhe ao mesmo tempo que execute a penhora no dia do vencimento.

Assim é feito e depois de um certo prazo, vencida a letra e não paga, vem os meirinhos executar a penhora e Frou Frou vê sahír todos os seus haveres, uns após outros pela porta afóra. Até os cavallos foram sellados. O unico que lhe ficára, como sempre fiel, fôra o criado. Depois da casa já vania, apparece o tal Flechter e lhe vem offerecer os seus serviços, mas antes d'elle se apresentar, já havia combinado com Kay, um truc.

Flechter se apresenta, mas antes de ser introduzido no quarto em que só havia uma cadeira, o criado lhe diz: "Se você vem fazer raiva a Sinhazinha, fique sabendo que vira aqui mesmo em farelo!"

Depois de contar uma enorme fofoca Flechter acaba offerecendo a Frou Frou, um emprego de dama de companhia, dizendo que vae ficar só em casa, pois a sua filha, unico consolo que tem em casa se vae casar dentro de poucos dias com o Sr. Kay Roland.

Ao ouvir esta historia Frou Frou immediatamente aceita o emprego que lhe é offerecido e sae com Flechter para casa d'elle. Lá chegados elle começa a contar uma série de cousas e repentinamente, quando tudo corria ás mil maravilhas, apparece, como havia sido combinado, Kay.

Ella olha com desprezo para elle e quer aceitar definitivamente o logar de governanta, quando a campainha mais uma vez soa.

E' o pae della que chega. Elle sahira em companhia de Henrique para visitar sua filha, mas ao chegar lá nada mais encontrou senão o criado, que tirava do portal a grande taboleta de annuncio que ali

havia collocado annunciando o gabinete da sua estimada patroa.

Elle informa ao velho pae onde ella está e o velho chega no momento em que tudo se desvenda.

Ha uma reconciliação geral e ella resolve de uma vez para sempre abandonar a profissão, para se dedicar exclusivamente ao seu querido noivo.

E assim, mais uma vez a emancipação da mulher rue, pois nem por um capricho ella ponde se sustentar.

MAIS FORTE QUE O AMORFIM

— Sabes o que de melhor tu podias fazer? Era ir para a cama dormir. Amanhã estarás inteiramente boa. As outras quatro *guyes* estão na rua, mas tu não tens medo de ficar só, — não é verdade? — Deu uma palmadinha tranquillizadora no hombro de Elsie, ajustou no lindo cabello um pente enfeitado de pedras de valor, lançou por sobre os hombros um *manteau* de preço, e sahín, deixando Elsie em pé, no meio da sala.

Logo que o fecho estalou na porta, após a sahida de Grace, Elsie deixou-se abater como uma flor enlanguescida, e caminhando devagar para o grande divan, coberto por uma pelle de tigre, deixou-se cahir por sobre as almofadas. Durante muito tempo os seus olhos vaguearam pela sala immensa, decorada como um palacio oriental, com o seu tecto em declive, com as suas janelas de vidros coloridos, os seus tapetes raros e preciosos laquês, entre os quaes apparecia, aqui e ali, uma peça de mobilia, de tela esculpturada, ou uma figura de bronze oriental. Depois, enterrando o rosto nas mãos, começou a soluçar.

Mal podia acreditar agora que jámais tivesse sido feliz! Mesmo aquelle brilhante limpo, que lhe brilhava no dedo, não conseguia restituir á realidade os seis mezes de dedicação que Frank lhe votara! Seis mezes antes, tinha dezoito annos apenas, e era uma simples rapariga do campo, sonhadora ingenua, com a alma povoada pela ambición de uma carreira rutilante. Como muitas outras raparigas do campo, sonhadoras e ingenuas tambem, deixara o seu lar para vir para Nova York. Queria isso dizer que tinha sido obrigada a separar-se da pobre mãezinha grisalha, que agora lá ficara, na Nova Inglaterra, habitando sózinha a casa humilde, coberta de trepadeiras, entugada e vetusta como ella. Elsie sempre tivera horror ás separações, mas decidira-a por fim a essa dolorosa despedida, a chimera juvenil de um retorno á casa materna, com a fronte aureolada de glorias e triumphos.

O acaso a levava a viver com Grace e as suas quatro collegas do corpo de côrns, naquelle luxuoso aposento, onde Grace a tomara sob as suas azas, disposta a lhe ensinar um pouco o que era a vida.

Parecia porém que escasso fruto haviam dado os seus ensinamentos, uma vez que Elsie ali estava a torturar o coração por um homem, não obstante Grace pregalhe, a toda hora, o desprezo pelos homens e pelo amor!

Quando, depois de se separar de Elsie, Grace transpôz precipitosamente a porta da elegantissima residência de Elliot verificou que os "beccins" se estavam comportando admiravelmente. De resto, o sorriso de Elliot, o fulgor desquado dos seus olhos logo li-o affirmaram desde o momento em que elle acudia a recebê-la.

— Santo Deus! Como estás linda está

noite! — exclamou Harry, pousando-lhe a mão no hombro nua e deixando-a depois resvalar ao longo do seu braço de jaspe.

Ella estremeceu um momento, e lançou um olhar em torno.

— Acaba com isso, — disse laconicamente. — Quem são esses "tipos"?

— Só um tem alguma importancia. Os demais, não demora que estejam limpos. Quem está ali é Helen Worthington, — aquella rapariguinha franzina, de vestido verde. E' mulher de Bruce Wellington, e tenho cá uma idéa a respeito della... Posso levar-a amanhã á tua festa?

Parecia um pedido, mas não se fazia mister responder. Grace poz os olhos na mulher que elle indicara, observou-lhe o rosto lindo e romantico, com o seu halo de cabellos de ouro, com os seus ingenuos olhos de creança.

— E aquella gente tem dinheiro? — perguntou Grace.

— Dinheiro em barda! Vem dali. Apresentar-te-ei, e poderás então formular o teu convite, que ella não deixará de aceitar.

— E qual é o plano? — perguntou Grace, segurando com uma das mãos o braço do amante.

— Não podes esperar até amanhã á noite?

— Para que esperar? Sabendo com que fim trabalho, melhor poderei trabalhar!

Elliot puxou-a para o lado, e traçou-lhe o seu plano, — um simples lance de *chantage* contra a leviana esposa de Bruce Wellington. Grace conhecia o jogo e os seus olhos fulguraram de interesse.

— Tenho apenas um escrúpulo, — disse depois que Elliot concluiu. — E' que sempre me custa separar um maluco como aquelle dos seus affectos. Ora, elle, maluco é com certeza, uma vez que casou com ella. Nenhum homem de juizo — ou sequer com um pouco de juizo — se poderia prender por uma mulher como aquella!...

Elliot poz-se a rir, e disse:

— Sacrifica o teu orgulho uma vez por mim, minha querida. Póde ser que Wellington seja um louco, mas louco ou não, o seu dinheiro é tão bom como o de qualquer outro!

— Está bem: leva-me até junto della.

Dois dias depois, Bruce Wellington, sentado no "fumoír" do seu club, saboreava um charuto solitario, e entreteinha-se a observar o policial que — tal um semaphoro humano — dirigia o intenso trafico da avenida. Não prestava attenção a mais nada senão ao trillar estridente do apito. Mas, de repente, uma palavra pronunciada pelo homem que lhe estava mais proximo, feriu-lhe profundamente a attenção.

— Bella festa, a de hontem á noite, — disse esse individuo.

— Por força! — replicou o outro. — Grace Merrill, no que se diz receber, não tem rival! E em casa della é sempre assim: bebe-se o que se quer, e as paredes não têm ouvidos!...

— Excellente garantia!... Aquella pequena que estava com Elliot também é divertidissima quando está com um grãozinho de chumbo na aza!...

— Qual della? Aquella "carinha de creança"?

— Tal e qual! E' de tres assobios, aquella pequena!...

Um chamado telephonico poz termo á conversa dos dois homens, mas já antes disso, Wellington comprehendeu a que fes-

ta os dos individuos se referiam, pois que, pelas conversas de sua mulher, já lhe eram familiares os nomes de Elliot e Grace Merrill.

Sua mulher estivera de facto naquella festa. Dali regressara poucos momentos depois d'elle voltar á casa. E Wellington, com o sobrececho carregado, repetia de si para si:

— Seria ella a tal "carinha de creança"?

Uma hora depois elle já estava a tocar a campainha á porta, lindamente esculpura-da, que dava para o aposento de Grace Merrill. Uma criadinha bem vestida recebeu-lhe o cartão.

— Miss Merrill descerá immediatamente, — disse, recebendo-lhe o chapéo e a bengala.

Wellington ainda se conservava de pé, quando Grace, abrindo a *portière* de misangas exóticas, deu entrada na sala.

O leve ramor da sua entrada fez levantar os olhos a Bruce Wellington, que logo se encaminhou na direcção da moça.

Grace, com o cabello simplesmente penteado e um singelo vestido inteiriço, com os labios tão innocentes de carmin como as pestanas de muresco, parou involuntariamente ao dar com Wellington. Era um homem forte, com um "que" de distincção que os olhos firmes, a bocca bem talhada, accentuava. — Seria este o marido de Helen Worthington? Era impossivel! — pensou rapidamente de si para si. Depois, recobrando a tranquillidade primitiva, avançou para Wellington com a mão estendida:

— Mas que grande surpresa, Sr. Wellington!

— Não recebeu então o meu bilhete?

— perguntou tranquillamente o visitante.

— Ah, recebi, mas como o senhor nunca apparece por aqui...

— Isso é verdade..., — confirmou Wellington.

Grace sorriu com discreção:

— Mas sabe? Sua senhora e eu somos grandes amigas, e isso deve bastar para nos fazer também amigos, a nós dois. Não lhe parece?

Mas Wellington, pela sua seriedade, pela firmeza dos seus olhos, fel-a sentir-se mal a vontade.

Depois, sem responder á pergunta de Grace, Wellington disse abruptamente:

— Foi justamente a proposito de minha mulher que lhe vim falar.

— Ah, sim? — fez Grace.

— Vim pedir-lhe que ponha termo ás suas relações com ella!

Grace sobresaltou-se um pouco, mas nada disse, e elle proseguiu:

— Helen é muito moça, e portanto muito facil de arrastar... O menor estímulo extranho é capaz de torná-la profundamente indiscreta...

— Sr. Wellington! — atalhou Grace com indignação, levantando-se da cadeira. Bruce seguiu-lhe o exemplo.

— Deixe-me concluir, por obsequio, — disse. — Espero bem que seja infundada a minha idéa de que algumas das pessoas da sua amizade não convêm por amigos a minha esposa, Miss Merrill.

Mas quiz o acaso que eu surpreendesse uma conversa que me fez crer que Helen se portou hontem, em sua casa, com muita indiscreção. Decerto, a senhora poderá dissipar essa impressão minha, caso seja falsa...

Bruce ficou á espera. O peito de Grace arfava tumultuosamente como se a suffocasse o esforço de falar:

— Sr. Wellington, — disse por fim.

Olhe para mim e veja se eu sou uma mulher capaz de corromper o moral de sua esposa?

Wellington considerou-lhe a singeleza do traje, as feições virgens de pintura, e teve de responder pela negativa.

— Quer-me parecer que alguém me prejudicou perversamente em seu conceito. Póde acreditar que quero muito bem a Helen, e que não lhe causaria o menor mal, nem por todo o dinheiro do mundo!

Wellington corou, sentiu-se indigno, aos olhos de Grace:

— As minhas humildes desculpas, Miss Merrill. Não pretendia offendê-la, de modo nenhum. E' que Helen é-me muito cara. Nova como é, sem o caracter ainda formado, tenho por força que olhar por ella. Agradeço-lhe porém muito as suas declarações formaes. Queira desculpar-me, sim?

Grace esboçou um leve sorriso:

— Está bem, — disse com ar generoso. — A maledicencia encontra sempre quem se preste servir-lhe de voz. Agora que nos conhecemos, espero que nunca mais deixaremos de ser amigos.

Estendeu a mão a Wellington, que a recebeu com um sorriso tranqullo:

— Tenho a certeza de que havemos de ser, — respondeu Bruce, apanhando a bengala e o chapéo.

Grace acompanhou-o até á porta, e depois que ella se cerrou, ficou com a cabeça encostada á mão que repousava sobre a hobreira.

— Ah, Bruce Wellington! — disse puxando a respiração, com um soluço. — Não sabia que o mundo ainda guardava homens como tu!

Um tempo houvera, talvez, na sua vida, em que um homem era capaz de a turbar na sua tranquillidade, deixando-a tremula e pensativa. Mas até dez minutos antes, Grace proclamava de si para si, que hoje, não havia homem capaz de o fazer.

Durante todo o dia entrecrocaram-se em seu seio extranhas emoções que lhe faziam o sangue quente latejar nas temporas, e a deixavam exausta de lutar. Havia promettido a Harry Elliot que o ajudaria a arruinar Bruce Wellington, a quem considerara um bobo. Agora, não havia recuar.

O interesse proprio de tal modo eclipsava para ella tudo mais, que Grace chegou a esquecer-se de Elsie e da sua enxaqueca. A pequena não a voltara a procurar desde aquella noite. Marie, Pinkie, Diana e Clarice não paravam de entrar e sair no aposento, apenas casualmente, dispensando um olhar, uma palavra, indifferente, a Elsie e Grace, inteiramente desinteressadas da sua tagarellagem pueril.

Já passava muito da meia noite quando o telephone começou num infernal alarido, que despertou Grace e á fez acudir a responder. As outras ainda não tinham voltado. Por algum motivo inexplicavel, indefinivel, veio-lhe á cabeça o nome de Elsie, ao apanhar o phone. E um instante depois, de pé, rígida, erecta, debalde forcejava por perceber o sentido das palavras que precipitadamente lhe eram ditas. Alguem lhe communicava que Elsie Brown se envenenara, estava á morte e chamava por ella. A custo Grace pôde comprehender o endereço, o endereço de Frank Norwood, o namorado que arrastara áquelle extremo a pobrezinha.

— Elsie... á morte! — repetiu perplexa, atirando o phone no logar. — Pobrezinha! Pobrezinha!

Quando, horas depois, pelo cinzento da

madrugada, ella penetrou, cambaleando, no aposento, onde anciosas as demais raparigas aguardavam a seu regresso, estava tudo acabado. Sabiam todas o que se passara e queriam pormenores. E foi então, em volta della, um grupo de physiognomias contristadas, a absorver os detalhes do tristissimo accidente. Mazie chegou a deixar que o cigarro se lhe apogasse entre os dedos, e até a bocca cruel da propria Diana perdeu o seu rictus de cynismo e desgudor.

— Prometti a Elsie telephonia a sua mãe, — disse Grace — e ella fez-me jurar que não lhe diria de que modo as coisas se passaram. Promettam, tambem que guardarão silencio.

— Decerto. Juramos... — declamaram todas.

— E que vai fazer a pobre velhinha? — perguntou Pinkie.

— Não sei por enquanto, — disse Grace. — Levámos o corpo para a agencia funeraria e mandámos um telegramma á pobre senhora.

— Coitadinha da Elsie! — fez Clarice. — Matar-se por um typo indigno, como aquelle!

— Que horror! — exclamou Diana. — E como o veneno deu cabo della depressa!

A resposta do telegramma veio na manhã seguinte, á hora em que as raparigas de novo estavam reunidas na sala do aposento, a commentar o caso. Grace leu alto para que todos ouvissem: "Recebi telegramma. Chegarei Nova York 3 da tarde sexta-feira. Peço receber-me estação".

O telegramma cahiu como um raio em meio do grupo.

— Santo Deus! — exclamou Diana, apanhando de sobre uma mesa uma garrafa e um copo.

— Que havemo, de fazer?

— Não podemos trazer para aqui a pobre velhinha!

— Pois é isso mesmo que temos de fazer! — disse Grace lentamente. — Para onde é que ella ha de ir senão vier para aqui?

Lançou os olhos á sala garrida e alegre, e disse:

— Vamos dar a tudo isto um ar singelo e limpo! E agora, movam-se um pouco, raparigas. Guardem tudo isso que anda por ali á matroca. Essas garrafas, esses copos, essas caixas de cigarros, essa *chaise longue*, — tudo isso vai para o porão até a velhinha se ir embora! Nada de vestidos complicados nem de carmins! E' duro, bem sei, mas fal-o-emos por intenção da pobre Elsie, — não é verdade?

Modesto, mas um tanto pobre demais em mobiliário, o aposento das raparigas esperou a chegada da Sra. Brown. Nervosamente, um tanto abatidas, as moradoras aguardaram-na tambem. Grace fôra sórinha á *gare* receber a mãe de Elsie, com aquelle mesmo vestido simples, com que recebera Bruce Wellington, quando elle fôra a sua casa.

— Tenho tanta satisfação em conhecê-la, minha querida! Elsie queria-lhe tanto bem!

Era uma mulher de estatura pequena, grisalva já, com um rosto suave, e uns olhos estranhamente moços, que pareciam ver longe, muito longe.

Falou muito durante a viagem do taxi, da estação ao aposento; e Grace escutou, maravilhada, as recordações da creança, da puberdade de Elsie, avivadas, pela morte, no coração da pobre mãe. E Grace falou-lhe tambem dos triumphos que Elsie ganhara na metropole, do muito, muito bem que lhe queria.

Desageitadamente, reservadamente, as outras quatro raparigas acolheram a mãe de Elsie em sua casa. E, timoratas, respondiam ao que ella perguntava, preservando a lingua de quaesquer deslizes que pudessem chocar a visitante. Admirava-as a calma com que ella se submettia ao terrível transe, e pasmavam de perceber, de traz daquelles velhos olhos-moços que se fitavam nos seus com tanta calma, uma alma que não se revoltava contra a sua dor, que philosophicamente, para além do tumulto, decerto enxergava o céu!

Nenhuma dellas no seu vocabulario encontrava palavras com que exprimissem o que sentiam a respeito da mãe de Elsie; mas, sob a enganosa capa resplendente que lhe encobria as almas, sentiam-lhe, bem forte, a influencia.

Se porventura haviam porém antecipado perguntas embaraçosas sobre os seus meios de vida, tinham-se radicalmente iludido; se haviam previsto que as pesaria a Sra. Brown na balança, estavam enganadas. A mãe de Elsie aceitava-as taes quizes eram, — cinco raparigas que tinham sido amiguinhas da sua Elsie!

— Quando ella crava os olhos em mim, sinto-me toda desageitada, — dizia Mazie para Pinkie.

— Tambem eu, — voltou Pinkie. — E o que me surpreende é que ella não nos faça sermões. Conheço uma porção de velhas ranzinhas que, quando começam...

— Ella, porém, não é dessas! — atalhou Diana. — Uma alma pura em absoluto! Nem sabe o que seja maldade, a pobre-zinha!

Grace tambem sentia o imperio que sobre ella exercia aquella personalidade que a abalava extranhamente, como a abalara Bruce Wellington, obrigando-a a pensar...

A Sra. Brown apenas se demorou um dia e uma noite em casa das raparigas, mas difficilmente, em tão pouco tempo, poderiam ter occorrido cousas mais extranhas do que as que se originaram da sua visita.

Ao cabo de tão curto tempo, a mãe de Elsie partiu sem manifestar que sabia o que todos tanto se haviam empenhado em esconder-lhe, aquillo que um jornal, deixado á tona pela criada, lhe havia revelado, — que Elsie se envenenara porque Frank Norwood deixara de amá-la! Tinha-n'a deixado a sós cinco minutos; mas nestes cinco minutos viera a saber le tudo. Grace, ao regressar ao aposento, pudera apenas notar que o rosto da velhinha se fizera mais pallido, e os olhos mais tristes. Era corajosa, assim, a mãe da pobre Elsie!

Depois, lá foi ella reconduzindo á sua aldeiazinha triste o lindo corpo da filha, após beifar, á despedida, com um sorriso meigo, todas as companheiras de Elsie, após apertar longamente Grace ao coração. E Grace, ao sentir que os seus olhos baços se velavam de lagrimas ardentes, não fez por enxugá-las.

— Has de voltar a visitar-nos algum dia, sim, mãezinha? — perguntou-lhe pronunciando com enlevo essa ultima palavra, maravilhada, ella propria, da sua ternura.

E a mãe de Elsie prometteu que havia de voltar.

Grace sentia ecoar no coração as ultimas palavras que ella lhe dirigira: "Sê boazinha, minha filha!", e parecia-lhe agora impossivel reatar a vida onde a deixara. A idéa de Harry Elliot e da sua tropilha, já ella não a poderia tolerar...

E eram estes pensamentos que remoía

no cerebro, quando Diana e Mazie penetraram na sala.

— Prepara-te para uma surpresa de estroendo! — disse Mazie alegremente. — Vamos procurar trabalho...

— Mas trabalho honesto e direito, — atalhou Diana. — Agora mesmo vamos á cata de emprego.

Com grande surpresa de ambas, Grace não riu; antes lhes disse:

— Pois olhem; se, além dos vossos, encontrarem algum emprego á solta pela rua, segurem-n'o, que eu o quero para mim!

E sahio da sala.

As duas entreolharam-se surpreendidas.

— Ella está ainda mais abalada do que nós! — disseram. — Bem dizia a velhinha: mesmo numa rapariga má, ha sempre qualquer coisa boa, que se pôde aproveitar!

Passaram-se varias semanas e o fermento que a Sra. Brown deixara atraz de si, a sua esplendida fé na bondade da natureza humana, proseguiu na sua acção. Mazie fez-se dactylographa e durante o dia todo não parava de produzir originaes, feitos ás vezes com pobre orthographia, mas sempre com uma diligencia que não escapava á attenção de seu novo patrão. Diana entrou para uma modista, e trazia os dedos um tanto castigados da agullha. Clarice e Pinkie proseguiram palmilhando a sua estrada de illusões, mas com muito mais afincio e com uma crescente repulsa pela vida que levavam.

Grace, talvez a mais abalada de todas, por ser a de natureza mais forte, foi por isso mesmo a ultima a capitular. Depois da Sra. Brown partir, sopitara com grande esforço a sua antipathia pelas occupações a que se consagrava, e voltou a Harry Elliot, com quem assiduamente trabalhava pela perdição e ruina de Bruce Wellington.

Aquella primeira sensacional entrevista, que com esse homem tivera, fizera comprehender qual era o melhor modo de se haver com elle. E as armas eram agora os modos tranquillos, os vestidos singelos, a voz cuidadosamente modulada, a "maquillage" discreta. Mas ao mesmo tempo que, tão sabiamente armada, conduzia a sua campanha, para que não encontrava defesa era para o seu proprio coração! Esse sim, parecia andar inteiramente a mercê do que lhe ordenasse o destino. E de cada vez que via Wellington, era sempre com a mesma ancia de estar bem perto d'elle, de lhe escutar a voz, de sentir no seu rosto aquelles olhos, claros e tranquillos.

E cada vez se separava d'elle com maior difficuldade. Por onde andava a sua apregoada philosophia do desprezo e da indifference? Se o amor não existia, que eram então, aquelles abalos irreprimiveis que lhe sobressaltavam o intimo? Antes della conhecer a mãe de Elsie, só uma cousa a preocupava no seu caso com Wellington: o principio de paixão que sentia por elle. Mas, agora, uma nova anciedade aggravava a primeira, e essa vinha-lhe da desmiolada mulherzinha que elle tinha. A Grace de outros tempos, facilmente se tranquillizaria, dizendo que tudo é justificavel no amor e que o homem pertencia áquella que, por fim, definitivamente o conquistava.

Mas a Grace de agora perguntava a si mesma se á mulher legitima não assistiriam melhores direitos, por mais indigna que ella fosse...

E essa pergunta, Grace acabou por formulá-la á propria mãe de Elsie, que mais uma vez viera visitar as raparigas e se puzera a viver com ellas, tão simples e naturalmente como se ali de facto pertencesse.

— Mãe — perguntou-lhe um dia — seria mal feito conquistar a felicidade a expensas da desgraça de outrem, de outra pessoa de cuja inteira indignidade não pode haver nenhuma dúvida?

A velhinha olhou-a longa e perscrutadoramente, e sob o fogo daquelles olhos baixaram-se os de Grace.

— Não ha ninguém neste mundo inteiramente indigno — disse simplesmente. E Grace vorou. — A felicidade conquistada a expensas de outrem, nunca seria a verdadeira felicidade. — proseguir a velha, com os olhos postos no trabalho de meia que estava fazendo. — Seria sempre um remorso para ti...

Grace meditou longa e profundamente aquellas palavras, e dellas surgiu uma resolução nova, que por um momento adormeceu as suas preocupações antigas; mas acordou uma nova dor em seu coração. Entrementes, ia-se dedicando a pôr um pouco de conforto e de alegria em torno da mãe de Elsie, que, de repente, começara a sentir a saudade da sua casinha sombria.

— Ella está me chamando — disse tristemente — e tenho que ir!

Grace pediu-lhe que ficasse, mas em vão. E assim, com o coração confrangido de lagrimas, meteu-a no trem que a ia restituir á sua tranquilla existencia. E desta vez, ella não prometteu voltar.

— Sê boa, minha filha! — foi a sua ultima exhortação a Grace.

Grace regressou ao seu aposento, firmemente resolvida a pôr em execução os seus propositos, sem cogitar de Harry Elliot, cujo imperio sobre ella afroaxara sensivelmente nos ultimos mezes. Com a determinação patente em cada feição do seu rosto, ella telephonou, por fim, a Bruce Wellington e pediu-lhe que a fosse ver o mais cedo que pudesse.

Um tanto surpreso, Bruce esperou por ella, meia hora depois, na elegante sala do aposento. Grace pediu-lhe que se sentasse, accrescentando:

— E não fale até que eu tenha concluido.

E Bruce começou a ouvir a mais singular confissão que jámais lhe fôra feita; falando de um jacto, com medo de fraquear na sua resolução, disse-lhe Grace as suas ligações com Harry Elliot, do plano de "chantage" que architectara contra elle, e, finalmente, do papel ignobil que em todo esse trama ella havia representado.

— Eu devia receber metade do dinheiro apurado, em pagamento de haver subtraído sua esposa á sua affeição — concluiu finalmente.

— A minha culpa é igual á de Elliot. Não lhe lance a elle todas as culpas. Habitue-me a andar na vida de olhos abertos, e neste caso, foi de olhos abertos que accetei figurar.

Bruce considerou-a, os olhos dilatados de espanto, contemplando-lhe a belleza, a elegancia perfeita, e recordando ao mesmo tempo a fortaleza de animo que ella inconscientemente lhe mostrara, no decurso da breve amizade que os ligara.

— Agora, acabei a minha confissão — concluiu. — Acabei com Elliot, acabei com o senhor. Volte para junto de Helena, e no futuro, preserve-a bem de creaturas eguaes a mim! Adeus!

E levantou-se, corajosa, estendendo-lhe a mão.

— Supponho que lhe devo ser grato — disse rudemente Bruce — e sou-lhe grato, na verdade. Mas a senhora tem consciencia do mal que fez a si mesma, com esta confissão?

— Consciencia perfeita! — disse, sorrindo um pouco.

— De outros labios, que não os seus, eu nunca acreditaria no que acabo de ouvir. Porque eu tenho fé em si, sabe?

— Sim, sei bem — Grace affirmou.
— Adeus! — disse apressadamente Wellington, tolhido de ir adiante pelo tom de finalidade com que Grace pronunciara as suas ultimas palavras. — Tomarei boa conta de Helena — prometto-lhe!

Nessa noite, o expresso da meia-noite conduziu como passageira uma mulher, pouco mais que uma menina, trajada com simplicidade e que não ostentava a mais insignificante joia. Os seus olhos eram negros e luminosos, as suas palpebras estavam humidas de lagrimas recentes. Para traz della ficara a cidade febril, com o seu sordido e horrivel passado. Para a frente, era o campo, onde uma mãe lhe estendia os braços numa casinha sombria, aninhada entre copos de leite que, em honra da sua chegada, abriam de manhã as suas corollas, mal os beijasse o sol.

— Eu bem sabia que tu havias de vir! — disse-lhe a mãe de Elsie, levantando os olhos da sua paciente costura, quando na manhã seguinte, á porta baixa da casa, toda nimbada pelo clarão aureo do sol, Grace lhe appareceu, num alvoroço de alegria, ante as perspectivas de sua nova vida.

Lá fóra, sobre os ramos dos platanos sombrios, os passaros entoavam os seus hymnos, exaltando as doçuras de Abril. E o Inverno escutou-os ceder lugar á Primavera!

A TAÇA MAGICA (FIM)

Mary, aos gritos, correu para um pobre velho que, cambaleando, quasi a arrastar-se, se approximava da sala. Era o desgraçado, o mendigo que ella acolhera em casa, na noite em que Bob a visitára pela primeira vez. Numa das mãos, apertava qualquer coisa de branco e translucido, que fez o joalheiro soltar um grito. Eram as perolas roubadas que o infeliz, com o peito a verter sangue, vinha trazendo.

O ferido cahiu ao chão ao chegar junto do grupo e Bob amparou-lhe a cabeça para que elle pudesse falar, como queria, a despeito de lhe ir cessando a pouco e pouco a respiração. Mary debruçou-se para elle.

— Venner quiz fugir... Segurei-o... Dei-me um tiro... Encontra-o-ão na fossa, debaixo do automovel... morto!

Fez um vago gesto indicando Mary:

— Mandem-n'a embora... Tenho outra coisa... que dizer!

Depois que Mary sahio, o moribundo reuniu o que lhe restava de forças para repetir o que dissera a Venner naquella primeira noite — que o pae de Mary era elle.

A essas palavras, Lord Fitzroy debruçou-se sobre o moribundo e disse-lhe:

— Terry, meu filho! Fui por demais cruel para contigo! Perdoa-me, supplicote!

— E' do senhor que deve vir o perdão...

Brevemente será posto á venda o primeiro fasciculo do empolgante e sensacional romance de aventuras

OS PARTIDARIOS do notavel romanista inglez Mayne-Reid, que conta mais de 200 edições.

BREVEMENTE

não de mim! Fui sempre a ovelha ranhosa... Nada diga a Mary... Ella pensa que eu morri como um heróe... E um acto de caridade... deixa-a acreditar...

Nada mais disse, e Mary foi, então, chamada para que o desgraçado pudesse morrer com os olhos nella. Bob deixou que a cabeça branca pousasse devagarinho no chão e levantou-se para passar um braço em volta da rapariga, debulhada em lagrimas.

A voz do joalheiro rompeu então o silencio que pairava na sala.

— Olá, policia... Agora... uma vez que appareceram as perolas... e estão em meu poder... pode tirar as algemas á rapariga.

O policial obedeceu.

Bob encaminhou-se com ella para o jardim que o sol banhava de ouro, e conservou-lhe um braço sobre os hombros até que se lhe applicassem os soluços:

— Diga-me cá, Bob Norton — perguntou a moça de repente — O senhor só tem um braço?

E o reporter, baixando os olhos, encontrou-a a sorrir.

Nesse momento, Bob não teria trocado o seu lugar pelo do redactor-chefe do seu jornal!

O MAIS ENERGICO

de todos os remedios para molestias de senhoras e para os graves incommodos, que a tornam um ente inutil é UTEROGENOL. Quatro colheres por dia são o bastante.

CONCURSO DE BELLEZA

A quem enviar (dando o proprio endereço) a importancia de 25000 e mais um sello de \$200 ao Sr. Homero Daniel, residente á Avenida Mem de Sá n. 291, 1º andar, Rio de Janeiro, remetteremos pela volta do Correio uma ARTISTICA PHOTOGRAPHIA, EM BROMURO DE PRATA, DA MULHER MAIS BELLA DO BRASIL.

PIANOS
Steinberg
UNICOS REPRESENTANTES PARA O BRAZIL
KOTTLECHNER & SCHMIDT
RUA DOS OURIVES, 139
RIO

O Utero doent faz da mulher um cadaver vivo

Salve-se com a

"FLUXO-SEDATINA"



E' A "FLUXO-SEDATINA"

A "Fluxo-sedatina" actua rapidamente nos orgãos genitais das senhoras. Nas colicas uterinas faz effeito em quatro horas. Nos partos, garantimos que não haverá mais perdas de vidas em consequencia de hemorragias antes e post-partum. Tomando 15 dias antes de dar à luz, facilita o parto, diminue as dores e as colicas, produzindo-se com facilidade e diminuindo as hemorragias. Para as outras doenças peculiares da mulher, como Flôres Brancas, Inflamações, Corrimentos, máo cheiro, Tumores, Suspensões e os perigos da idade critica, etc., a "Fluxo-sedatina" dá sempre resultados garantidos. Senhoras, use a "Fluxo-sedatina" e doe às vossas filhas e recommendae às vossas amigas; prestareis assim um bello serviço ao vosso sexo. A "Fluxo-sedatina" é a verdadeira saúde da mulher e a tranquillidade das mães. As senhoras que usarem uma vez nunca mais tomarão outro medicamento; tenha sempre um vidro em casa que é como se tivesse o medico à mão. Está sendo usada nas maternidades de toda a America do Sul. Recommenda-se aos medicos e parteiros. E' de gosto agradável.

A' venda em todas as pharmacias e drogarias do Brasil

Depositarios Gernes: **GALVÃO & C.**

Avenida S. João 145 -- São Paulo

Depurativo Salsa, Caroba e Manaca

Do celebre pharmaceutico-chimico **H. M. DE HOLLANDA** preparado pelo Dr. Eduardo França (Concessionario).



O Rei dos Depurativos

A SALSALSA, CAROBA E MANACA, do celebre pharmaceutico Eugenio Marques de Hollanda, é já muito conhecida em todo o Brasil e nas Republicas Argentina, Uruguay e Chile, onde tem produzido curas maravilhosas e goza de grande reputação. E' o depurativo mais antigo, mais scientifico e mais efficar para a cura radical de todas as affecções herpeticas, syphiliticas, bouhaticas e escrofulosas provenientes da impureza do sangue, taes como rheumatismos, dores articulares, arthritismo, etc. Experimentae um só frasco e sentireis os seus beneficios!

Depositarios: **ARAUJO FREITAS & C.**, droguitas. — Rua dos Ourives n. 88, Rio de Janeiro. — Encontra-se em todas as pharmacias e drogarias, **VIDRO... \$2000**

Ha maneiras as mais variadas de patriotismo; entre ellas uma se nos affigura muito digna: adquirir os numeros especiaes da *Illustração Brasileira*, commemorativa do Centenario da Independencia, a sahirem em Setembro, Outubro, Novembro e Dezembro, com 264 paginas de notavel texto, finas gravuras e perfectas trichromias, de caracter eminentemente nacional.



O AZEITE SOL LEVANTE

PARA
COZINHA E
MESA
E' O MELHOR
— DO —
MERCADO

A' venda em toda parte

No morro do Castello

Uma briga entre mulheres

— Já te vou fallar, minha delambida, a respeito de andares a arrastar a aza a meu homem.

— Você está maluca, tia Gertrudes! Também era o que faltava, andar arrastando a aza a essa azemola!

— Azemola? Que estás dizendo? Azemola! Pois morta andas tu por elle; ficava-te mesmo em conta!

— Não gosto delle nem para burro de carga.

— Olha lá, lambisgoia, corta essa lingua, vê como ladras, e limpa a bocca antes de fallares no nome d'elle.

— Olha: você e a lema do seu homem, para mim estão abaixo da lama; vocês já deviam estar lá muito na Sapucaia!

— Que é que dizes, alcoviteira?

— O que tens ouvido, se é que tens essas orelhas bem limpas, o que julgo que não.

— Pois as minhas mãos estão bem limpas; porém agora vou sujá-las nas tuas ventas e nessas tranças que são como cordas enebadas. Ora toma!

— Olhe lá, tia Gertrudes, largue! largue! Olhe que o negocio sabe-lhe muito caro!

— Largue você também!

— Eu? Pois não... com um punhado de teus fedorentos cabellos.

— Mas que diabo tem você, que não ha meio de arrancar um cabelo sequer?

— Ah! é que a porca torce o rabo! A você lh'os arranco e quebro, porque és uma porca. Mas, enquanto a mim, é papa fina! Não estás vendo que esfrego os meus cabellos com Tricofero de Barry?

— Deveras? Pois bem, perdão-te se me disseres o que vem a ser isso.

— O Tricofero de Barry é uma agua maravilhosa, com cheiro muito rico, que faz crescer o cabelo, dá-lhe brilho, força e limpeza.

Essas creoulas e certas criadinhas de servir, que fazem virar o "miolo" dos homens, é porque usam o Tricofero de Barry.



— Ponha-o, tia Gertrudes, e então você me agradecerá e ficaremos amigas como nunca.

— Bom, deite fóra esse cabelo (o punhado que me arrancaste e ainda tens nas mãos) que não só te perdoo, como d'ora avante consinto que deites umas olhadellas ao meu homem... Enfim, é para o que serve!



Os melhores
REMEDIOS
contra:

GRIPE
NEURALGIAS
ENXAQUECAS
RHEUMATISMOS

são os comprimidos de

RHODINE
E DE
RHOFEINE

Este ultimo composto de RHODINE e CAFEINA é especialmente recommendado aos cardiacos.

Cia. CHIMICA RHODIA BRASILEIRA
São Bernardo (São Paulo)

LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL

A REALISTREM-SE EM AGOSTO

Chamamos a attenção dos nossos Agentes para as Loterias de novos planos.

Em 19 de Agosto 100:000\$ por 29\$700

No preço dos bilhetes já está incluído o sello.
Agentes geraes na Capital Federal: Nazareth & C.
— Rua do Ovidor, 84. — Caixa do Correo n. 817
— Endereço telegr. Luxvel. — Rio de Janeiro.

Se a Exposição Nacional vai marcar uma grande etapa da vida do trabalho da Nação brasileira, na agricultura, no commercio e na industria os numeros especiaes da *Illustração Brasileira*, de Setembro, Outubro, Novembro e Dezembro, commemorativos do Centenario, darão uma idéa exacta da nossa potencia intellectual e artistica.



ELIXIR DE

INHAME

DEPURA
FORTALECE
ENGORDA

ROUGE "LADY"

SUPERFINO

Superior a todos pela sua coloração natural,
firme e duradoura

E' INOFFENSIVO E INVISIVEL

Preços : Rs. 2\$500

Pelo correio Rs. 3\$500

A' venda em todo o Brasil

PERFUMARIA LOPES

MATRIZ — Rua Uruguayana, 44 } RIO
FILIAL — Praça Tiradentes, 38 }

Não nos responsabilizamos pelo producto vendido por
menos dos preços acima.

Pó de Arroz

"LADY"

E' o melhor e não é o mais caro



Pó de Arroz

GLOSSY

ADHERENTE E PERFUMADO

Caixa grande : 2\$500 — Pelo Correio : 3\$200
Caixa pequena : 1\$000 — Pelo Correio : 1\$500

Caixa Postal : 163 — RIO

Envie importancia em vale postal, em dinheiro ou
sellos a

CARLOS DA SILVA ARAUJO & C.

1º DE MARÇO, 13 — 1º andar — RIO

NAS GARRAS DA MORTE



Sr. Pedro Servulo d'Azevedo

Minas—Theophilo Otttoni, 22 de Outubro de 1913—Illmos.
Srs. Viuva Silveira & Filho—Amos, e Srs.—Saudações.
Acha-se em meu poder vossa carta em resposta á mi-
nha de 2 de Setembro; penhoradíssimo, envio a minha
photographia e attestado do vosso milagroso Elixir de
Nogueira.

Foi em Março de 1904 que estive nas garras da morte,
atacado de molestias de origem syphilitica; é inutil di-
zer-vos que os remedios por mim usados não posso enu-
merar;—um dia, já sem esperanças, descançava de um
posseio que tinha feito á casa de um amigo e por instan-
cias delle tinha trazido um vidro do vosso Elixir (devo
dizer que não tinha absolutamente nenhuma fé).

Finalmente não cheguei a tomar á vidreira, a minha
melhora foi estagnada e mais ainda a admiração popu-
lar e do medico que me havia condemnado.

Tomo affirmar a VV. SS. que a meu peso nessa ocu-
são era de 64 kilos e hoje peso 84 kilos.

Pego-vos portanto a publicação desta, a bem da hu-
manidade sofredora.

Retirando os protestos de estima, subscrevo-me, Cro.
Atto e Obido, Pedro Servulo d'Azevedo, Relojoeiro
proprietario da "Pendula Mineira".

RENY

*A unica
infallivel*

TIRA SARDAS, PANNOS,
MANCHAS
E CURA ESPINHAS.



Pote 4\$000
Pelo
Correio 5\$000



PO' DE ARROZ
RENY — Adherente e perfumado.
Caixa 2\$500 — Pelo correio 3\$500.

LOÇÃO RENY — Elimina a caspa e evita a queda dos cabelos. Vidro 5\$500 — Pelo correio 8\$000.

DÉPIL Unico liquido que tira o cabelo em 5 minutos. Vidro pequeno 5\$000, grande 8\$000 — Pelo correio 6\$500 e 12\$000.

AGUA BALSAMICA RENY — Perfume das orientaes. Algumas gottas perfumam um banho. Vidro pequeno 5\$000, grande 8\$000 — Pelo correio 8\$000 e 12\$000.

Magalhães & Lobo

Rua Marechal Floriano Peixoto n. 17, Sebrado